



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CATALÃO (UFCAT) em implantação.
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PPGEDUC - MESTRADO EM EDUCAÇÃO

OLINDA INÊS AREDA ROSA

**BIOGRAFIZAÇÃO NO ROTEIRO DO FILME CIDADE DE DEUS: O
PERSONAGEM BUSCAPÉ**

CATALÃO
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Olinda Inês Arêda Rosa

3. Título do trabalho

BIOGRAFIZAÇÃO NO ROTEIRO DO FILME CIDADE DE DEUS: O PERSONAGEM BUSCAPÉ

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO*

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Wolney Honório Filho, Professor do Magistério Superior**, em 14/12/2021, às 19:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **OLINDA INÊS ARÊDA ROSA, Discente**, em 16/12/2021, às 17:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2570271 e o código CRC BCF20CCD.

OLINDA INÊS AREDA ROSA

**BIOGRAFIZAÇÃO NO ROTEIRO DO FILME CIDADE DE DEUS: O
PERSONAGEM BUSCAPÉ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG) / Universidade Federal de Catalão (UFCAT) em implantação, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais, História Da Educação e Pesquisa (Auto) biográfica.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho.

CATALÃO
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Rosa, Olinda Ines Areda
BIOGRAFIZAÇÃO NO ROTEIRO DO FILME CIDADE DE DEUS :
O PERSONAGEM BUSCAPÉ / Olinda Ines Areda Rosa. - 2021.
84, LXXXIV f.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão,
Faculdade de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Catalão, 2021.
Bibliografia.

1. Pesquisa (auto) biográfica. 2. Juventude. 3. Narrativa. 4. Filme
Cidade de Deus . 5. Honório Filho, Wolney, orient.II. Título.. I. Filho,
Wolney Honório , orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DE Nº. 189 SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE **OLINDA INÊS ARÊDA ROSA**.

Aos dez dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e um, às 14:30 horas, à distância por meio de webconferência, reuniram-se os componentes da banca examinadora, o Prof. Dr. Wolney Hobório Filho - PPGEDUC/FAE-UFMG/UFCAT (Em transição) - Orientador; Profa. Dra. Juliana Pereira de Araújo - PPGEDUC/FAE-UFMG/UFCAT (Em transição) - Membro Interno; Prof. Dr. Sebastião Silva Soarres - UFT - Membro Externo, para, em sessão pública de exame de Defesa de mestrado, de Olinda Inês Arêda Rosa, discente do Programa de Mestrado em Educação – PPGEDUC da FAE-UFMG-RC/UFCAT (Em transição), área de Concentração Educação, com trabalho intitulado “BIOGRAFIZAÇÃO NO ROTEIRO DO FILME CIDADE DE DEUS: O PERSONAGEM BUSCAPÉ”. A sessão foi aberta pelo presidente da banca, que fez a apresentação formal dos membros da banca. Em seguida, a palavra foi concedida a discente que, procedeu a apresentação da Defesa. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu a examinanda. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. Terminada a fase de arguição, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: DEFESA APROVADA, fazendo jus, portanto, ao título de Mestra em Educação, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação - Regional Catalão/UFCAT Em transição. A Banca Examinadora de Defesa Pública de Dissertação foi realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo: Art. 2. A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação. O PPG encontra-se vinculado à UFG, pois não houve ainda migração pela CAPES à UFCAT (criada pela Lei 13.634 de 20 de março de 2018, por desmembramento da Universidade Federal de Goiás - UFG). Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE-UFMG-RC/UFCAT Em transição, dez dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e um.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Wolney Honório Filho, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2021, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Pereira De Araújo, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2021, às 16:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **SEBASTIAO SILVA SOARES, Usuário Externo**, em 10/12/2021, às 17:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2557805 e o código CRC FCB7F47A.

Referência: Processo nº 23070.066550/2021-04

SEI nº 2557805

DEDICATÓRIA

Primeiramente a Deus, por sempre estar ao meu lado!
Às duas mulheres que tanto admiro e me espelho,
minha mãe Olinda Campos
e minha avó, Liodete (in memoriam).
Obrigado por existirem em minha vida!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, começo agradecendo a Deus, pois desde o início de 2020, estamos vivendo o hoje sem saber se o amanhã virá por conta desta pandemia causada pelo COVID-19. Agradeço por todos os medos superados até aqui, por toda ansiedade e incertezas que enfrentei, por todas as pessoas que chegaram em minha vida. Pela esperança e pela minha fé que neste tempo só me fortaleceu e me permitiu seguir confiante, acreditando e batalhando pelos meus sonhos. Por tudo que esse último ano me ensinou e pela pessoa que tenho me tornado.

Agradeço, também, a toda minha família, meus pais, irmãos, tios, tias, primos, primas, meus sogros, meus cunhados, meu marido e principalmente a meu filho Mateus, hoje com apenas 4 (anos) anos foi a pessoa a qual mais me ajudou durante esta caminhada, pela paciência ao me deixar estudar, pelo carinho que me dava quando me via cansada e com medo de não conseguir.... Meu amor você é tudo para mim! A minha força vem de ti!

Agradeço a todos os meus amigos que não citarei nomes para não correr o equívoco de esquecer de algum. Mas a cada um de vocês que acreditaram em mim e sempre me deram forças para seguir atrás do meu sonho me dizendo que eu era capaz, deixo aqui o meu muito obrigada!

Também quero agradecer ao meu orientador, professor Dr. Wolney Honório Filho, pelo profissionalismo, pela partilha de conhecimento, pela dedicação e por sempre acreditar em mim, elevando minha capacidade. O cuidado que teve comigo e com minhas colegas, principalmente neste período pandêmico, fez a diferença, pois me senti muito bem acolhida, o que me fortaleceu bastante diante as dificuldades e fragilidades que senti durante este período de construção da dissertação. Obrigada por ter me escolhido e por me mostrar o mundo da (auto) biografia. Também sou grata a todos os professores do Programa de Pós-Graduação – PPGEDUC, da linha de Políticas Educacionais, história da Educação e Pesquisa (auto) Biográfica, pelo conhecimento adquirido.

E por último não poderia deixar de agradecer aos meus amigos e companheiros da pós-graduação, Alan, Thatiany e Gessica que tanto me deram força e me ajudaram neste percurso até aqui. Amizades que construí para a vida toda!

Obrigada a todos vocês!

Todos fazem parte deste sonho!

RESUMO

O cinema, a partir do século XX, tem sido considerado como uma poderosa fonte histórica, principalmente no que diz respeito à juventude. A referente pesquisa está situada no campo da história da educação e pesquisa (auto) biográfica. Há uma carência de pesquisa em Educação que tome o processo de biografização sobre personagens de filmes. O trabalho teve como intuito analisar o roteiro do filme Cidade de Deus, destacando principalmente, as narrativas do personagem Buscapé. A maioria das pesquisas fílmicas estão presas às análises de imagens, e isto nos levou a perceber que existem outras possibilidades a serem exploradas através do roteiro. Escolhemos, portanto, o roteiro do filme Cidade de Deus como nossa principal fonte de pesquisa. O objetivo foi compreender a experiência de biografização do personagem Buscapé a partir da narrativa do roteiro do filme Cidade de Deus. O método utilizado foi o biográfico narrativo. Para abordarmos os conceitos de biografização, narrativas e história de vida, nos ancoramos nos estudos de Delory-Momberger, (2008) (2012), Antônio Bolívar (2012), dentre outros, pois as narrativas de Buscapé nos deram várias pistas e elementos para que pudéssemos chegar às análises e encontrar as respostas que procurávamos. Utilizamos como análises de dados a técnica de categorização abordada por Badin (1997), nos levando a concluir que, através do processo de biografização, da volta ao passado, a reflexão do hoje e a busca pelo futuro, o personagem Buscapé faz, através de suas narrativas, a história de sua trajetória, seus obstáculos, dificuldades, comportamentos, vivências e nos leva a compreender a relação entre as suas experiências de vida e o processo de construção de si.

Palavras chave: Pesquisa (auto) biográfica. Filme cidade de Deus. Juventude. Narrativa.

ABSTRACT

BIOGRAPHY IN THE SCRIPT OF THE FILM CITY OF GOD: THE CHARACTER BUSCAPÉ

Since the 20th century, the cinema has been considered as a powerful historical source, mainly with regard to youth. The present research is situated in the field of History of education and research (auto) biographical. There is a lack of research in education that takes the process of biography about movie characters. The paper aimed to analyze the script of the film City of God, highlighting mainly the narratives of the character Buscapé. Most film research is tied to image analysis, and this led us to realize that there are other possibilities to be explored through the script. We chose, therefore, the script of the movie City of God as the main source of research. The objective was understand the experience of biographization of character Buscapé from the narrative of script of movie City of God. The used method was the narrative biographical. To approach the concepts of biographization, narratives and life history, we anchored in the studies of Delory-Momberger, (2008) (2012), Antônio Bolívar (2012), among others, as Buscapé's narratives gave us several clues and elements for that we could get to the analyzes and find the answers we were looking for. We used as data analysis the categorization technique approached by Badin (1997), leading us to conclude that, through the biographization process, from the return to the past, the reflection of today and the search for the future, the character Buscapé does, through their narratives, the history of their trajectory, their obstacles, difficulties, behaviors, experiences and leads us to understand the relationship between their life experiences and the process of building themselves.

Keywords: Research (auto) biographical. City of God movie. Youth. Narrative.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Biografização... Narrativas... Histórias de Vida e Formação	15
Cinema como Fonte de Pesquisa	25
O Roteiro	26
Percurso Metodológico	28
CAPITULO I.....	30
CONSTRUÇÃO HUMANA, ARTE E CINEMA	30
1.1 Construção Humana, um Processo Educativo	30
1.2 O Cinema como Ferramenta de Formação Cultural e a Importância da Semiótica .	38
1.3 Considerações Parciais	41
CAPITULO II.....	43
BIOGRAFIA DO PERSONAGEM BUSCAPÉ - A JUVENTUDE NEGRA E A	
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.....	43
2.1 Juventude/Juventude Negras	43
2.2 Biografia do personagem Buscapé através de sua história contada no roteiro do filme Cidade de Deus	46
2.3 A Crise de Identidade na Sociedade Contemporânea e como ela Afeta em Específico o Coletivo de Jovens Periféricos	53
Considerações parciais	58
CAPITULO III	60
PROCESSOS CONSTRUTIVOS E BIOGRÁFICOS DE BUSCAPÉ ATRAVÉS DE	
SUAS NARRATIVAS PRESENTES NO ROTEIRO DO FILME CIDADE DE DEUS	
.....	60
3.1 Categoria: Identificação de Buscapé com o Grupo de Pertença.....	61
3.2 Categoria: As narrativas de Buscapé: seu comportamento, atitudes e vivências com o mundo que o cerca.....	67
3.3 Categoria: A sociedade Contemporânea e a Exclusão dos Jovens	73
Considerações parciais	77

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	82

Os Programas de Pós-Graduação stricto sensu em funcionamento na Universidade Federal de Catalão (UFCAT), em virtude de procedimentos técnicos relacionados à CAPES, continuam provisoriamente vinculados à Universidade Federal de Goiás (UFG), por isso, todos os elementos pré-textuais do trabalho apresentado estão identificados como Universidade Federal de Goiás/Universidade Federal de Catalão em implantação, em função da migração da BDTD ter ocorrido a partir de 16 de agosto de 2021, assim como pelo fato das pesquisas e produtos serem realizados na UFCAT.

INTRODUÇÃO

Biografização... Narrativas... Histórias de Vida e Formação

Ao longo da minha vida descobri que tudo tem uma explicação. E esta pesquisa não foge à regra.

Nos últimos 25 (vinte e cinco) anos, pesquisas com histórias de vida, em Educação, têm se tornado bem mais frequentes. Porém, muitas pessoas ainda desconhecem as suas várias facetas e sentidos, por isso quero frisar que meu intuito é mostrar, para você leitor, a condição biográfica em uma percepção, mais antropológica, segundo Delory-Momberger (2012, p. 17):

remete a uma das dimensões constitutivas da experiência humana: a capacidade que tem o ser humano de configurar narrativamente sua existência e de biografar sua experiência singular do mundo histórico e social.

A experiência humana é adquirida a partir do tempo, espaço, no qual o indivíduo encontra inserido, ou seja, em determinados momentos de nossas vidas, através desses detalhes que construímos nossas histórias.

Todos temos histórias e precisamos aprender que para nos apossarmos delas é necessário mediá-las, pois, apesar das condutas que a sociedade hodierna exige, de que o indivíduo assuma múltiplas funções para ser um ator social, como precisar assumir um papel, criar um perfil de si, como na escrita de um currículo de trabalho, estamos escrevendo histórias e é essa escrita de forma intencional ou não que se configura como fato biográfico, ou seja, “um viés da figuração narrativa que acompanha o percebido de nossa vida, esse espaço-tempo interior, segundo o qual representamos...” (Delory-Momberger, 2008, p.36).

É a narrativa que confere papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles; é a narrativa que constrói, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as relações de causa, de meio, de finalidade; que polariza as linhas de nossos enredos entre um começo e um fim e os leva para sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos em encadeamentos finalizados; que compõe uma totalidade significativa, na qual cada evento encontra seu lugar, segundo sua contribuição na realização da história contada. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de

nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 37).

A partir dessas considerações, apresentarei a narrativa de minha vida, para que possam conhecer a história desta personagem.

Primeiramente, preciso falar dos protagonistas responsáveis pela minha existência, meu pai e minha mãe, pois, segundo a autora, “o espaço – tempo segundo o qual figuramos os limites de nossa existência é de fato aquele no qual nascem nossas histórias” (Delory-Momberger, 2008, p. 36). Sempre ouvi dizer, pelas pessoas ao meu redor, um ditado popular que diz o seguinte: “por de traz de um grande homem sempre existe uma grande mulher...” E isto sem dúvidas é verdade, você entenderá do que estou falando depois de analisar os relatos e toda história que contarei sobre minha mãe, a dona Olinda Campos (não acho que chama-la de “dona” seja tão apropriado, visto que quando saímos à rua todos que não nos conhecem acham que somos irmãs... Afinal eu já estou com meus 26 (vinte e seis) aninhos e ela com apenas 44 (quarenta e quatro) anos... sem contar a vaidade que ela tem ...) Enfim, como eu dizia, eu sempre fui uma pessoa curiosa, que perguntava e gostava de ouvir... E minha mãe, ao relatar como foi sua infância e adolescência, antes de conhecer e se casar com meu pai, não só me deixava comovida, como muito orgulhosa de ter sido gerada por alguém com tanta garra e determinação.

Quando nasceu, a vida de seus pais já era bem dura, pois já tinham 4 (quatro) filhos e viviam em fazendas trabalhando pelo sustento da família... ela conta que as casas as quais moravam eram de pau a pique e dormiam no chão, não tinham camas, minha avó, Dona Liodete, (outra protagonista da minha história, que mais à frente falarei um pouco dela), quase não dormia, vigiando-os, pois tinha muito medo dos bichos, como cobras, que muitas vezes entravam ali. Minha mãe passou sua infância toda na roça, migrando pelo interior de Goiás, o pouco que estudou (pois só possuí o ensino fundamental), foi nas escolas da zona rural. Na sua adolescência, vieram para cidade. Nesta época, já eram 6 irmãos, todos crescidos e a maioria já trabalhava para ajudar minha avó, que, infelizmente, já havia ficado viúva naquela época.

Como tudo era mais difícil na cidade, o único emprego que minha mãe conseguiu foi de boia fria, chamados os trabalhadores que iam para roças onde haviam plantações, como de algodão, pimenta, para fazer a sua colheita com as mãos. Ela diz que todos ali sofriam muito, pois o meio de transporte utilizado era uma camionete e todos iam em sua traseira, sem nenhuma segurança. Trabalhavam no sol, debaixo de chuva e não tinham

nem lugar para esquentar a marmita que levavam para almoçar, comiam fria... Com certeza, como filha, não é fácil imaginar tudo isso que ela passou sem encher os olhos de lágrimas... Mas ao mesmo tempo consigo compreender de onde vem a força que ela tem.

Com seus 15 (quinze) anos, ela conheceu meu pai, o sr. Júlio. Ele foi um menino nascido e também criado na roça, não teve uma vida fácil. Ele conta que começou a trabalhar ainda criança nas casas dos vizinhos de sua família e de outros familiares em troca de comida, pois, por ele ainda ser criança, muitos achavam que não precisavam lhe pagar um salário pelos seus afazeres. Meu pai conta que já passou muita fome, e muita humilhação nessa vida... Mas, a dor maior que carrega ao recordar as suas lembranças é o fato de ter perdido a mãe muito cedo... pois a partir de então, ele sendo filho de um homem que não o reconheceu, passou a ser órfão, mesmo sendo criado pelos seus avós, viveu muito sozinho... Os avós não tinham como sustentá-lo, a minha bisavó já tinha 20 (vinte) filhos, fora os que pegou para criar, alguns já trabalhavam, outros não, por isso as coisas eram bem difíceis.

Uma coisa me veio agora à mente é que toda vez a qual eu ou meus irmãos pedimos para meu pai contar como era a minha avó, pois não tivemos a oportunidade de conhecê-la pessoalmente, apenas por algumas fotos antigas, ele sempre fala muito sentido e pensativo, o que me leva a lembrar de uma citação da Delory-Momberger que diz o seguinte:

O que dá forma ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. Portanto, a narração não é apenas o instrumento da formação, a linguagem na qual esta se expressaria: a narração é o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.56).

Não importa o contexto, cada vivência se torna um aprendizado de formação. Quanto mais o indivíduo se apossa destas narrativas mais ele se constrói. Porém, não se pode dizer que é um processo fácil, pois nem sempre reviver o passado é algo que nos traz boas recordações, mas é essencial para avaliarmos nossas condutas e façamos um balanço de quem éramos, quem somos e quem queremos ser.

Penso que era isso que meu pai fazia, um balanço de suas vivências, tudo que passou e como ele se vê hoje. Por trabalhar desde criança, ele não teve a oportunidade de estudar, fez somente a pré-escola onde aprendeu a escrever seu nome (já adianto que ele nunca desistiu de aprender e tenho muito orgulho de dizer a vocês que atualmente ele, com seus quase 50 (cinquenta) anos, está matriculado em uma escola para Jovens e

Adultos, realizando o seu sonho de ser alfabetizado). Aos 22 (vinte e dois) anos de idade, ele conheceu minha mãe, que tinha apenas 15 (quinze), ainda era uma adolescente, mas já havia se tornado uma grande mulher pela maturidade adquirida. Os dois se casaram e foram morar em uma fazenda no município de Catalão. Logo em seguida, minha mãe engravidou de mim. Portanto, após nove meses, exatamente no dia 16 de novembro de 1994, em um hospital municipal de Catalão, nasce esta personagem, a qual recebeu o mesmo nome da mãe, mudando apenas um detalhe, o nome composto Inês. Olinda Inês, este é o nome que carrego como uma forma de homenagem à minha mãe, nome este que por muito tempo reneguei por sofrer bulliying¹ nas escolas, muitos riam de mim, pois eu não tinha roupas bonitas, nem fitas nos cabelos, nem sapatos bons. As minhas roupas eram ganhadas, pois somente meu pai trabalhava na época em que eu era criança. Por esse motivo, eu vestia o que tinha, minha mãe me arrumava como podia....

Por muito tempo sofri com as piadas maldosas em que algumas pessoas tinham a capacidade de me chamar: nossa OLINDA? Quando eu respondia sim. Riam e falavam: está mais para O FEIA², essa foi uma das mais leves, as outras prefiro não citar. Mas, hoje, depois de contar a história da minha mãe, de poder reviver com ela tudo que ela já passou através das suas narrativas, eu pude sentir, mais uma vez, o quão sou privilegiada por carregar o nome dela e digo em alto bom som: TENHO ORGULHO DE TER O NOME DA MULHER MAIS GUERREIRA QUE JÁ CONHECI.

Voltando à minha história... após meu nascimento, a vida de minha família foi ficando cada dia mais dura, além da falta de dinheiro, começar a vida a dois para meus pais, com uma recém-nascida, não foi fácil. Como eu disse, minha mãe, apesar da idade, já era bem madura, mas, meu pai, pelas circunstâncias vividas, teve mais dificuldades para enfrentar de frente os problemas. E, assim, minha mãe conta que ele, por vários dias, saía para fazer algo na cidade e por lá ficava dias, a deixando sozinha, comigo nos braços, na fazenda... E isso não ocorreu apenas na minha infância, mas durante muitos anos. Meu pai acabou desenvolvendo uma doença chamada alcoolismo... Tenho certeza que todos sabem como é a vida de uma pessoa contaminada por esse vício, cheia de instabilidades...

Mesmo assim, minha mãe continuou firme lutando em prol de nossa família, deixando seus sonhos de lado, sua vida, para cuidar de mim, dos meus outros 2 (dois)

¹ Bulliying é uma prática com atos violentos que podem ser psicológicos ou físicos onde a intenção é intimidar utilizando-se de atos como xingamentos, humilhações, apelidos, piadas maldosas que podem ser praticadas em coletivo por um grupo de pessoas ou somente por um indivíduo.

² O Feia é o apelido, que me davam durante o Bullying, por ser o antônimo do meu nome Olinda.

irmãos. E, hoje, já fazem quase 7 (sete) anos que meu pai foi liberto desse vício... E a nossa família permanece unida como sempre... Lembra o que eu disse no início, “por de traz de um grande homem, sempre existe uma grande mulher”? Se a minha mãe não tivesse se sacrificado, lutado pela família, segurando a mão de todo mundo... hoje talvez a história aqui contada teria outro final... E sabe qual é o meu maior orgulho? É que ela, apesar de tudo, deixou de lado o passado, não desistiu de alcançar seus objetivos e sonhos... Com muita dedicação, atualmente já conquistou a profissão almejada, se tornando cabeleireira, trabalhando com o que gosta... e os planos não param por aí. Hoje, vejo uma outra mulher mais feliz e mais viva.

No entanto, mesmo diante de todos estes acontecimentos, dificuldades as quais relatei a vocês, meus pais e minha avó Liodete, uma das pessoas mais importantes da minha vida, que infelizmente não está mais conosco, sempre incentivaram a mim e meus irmãos a estudar. Diziam que “eles não tiveram oportunidade de estudar e ter talvez um futuro melhor, mas que nós, no que dependessem deles, iríamos ter...”. Enfim, sempre estudei em escolas públicas, com dedicação e amor porque eu levava comigo aquele sentimento de que era meu dever agarrar com toda força a oportunidade que meus pais estavam me dando, de poder ter uma vida que eles não tiveram. Eu sentia ser minha obrigação me dedicar e dar esse orgulho a eles.

Cursar a universidade cresceu como um sonho. Queria terminar o Ensino Médio e ir para o superior. Mas nem tudo eram flores... tiveram muitas pedras pelo meu caminho. Durante o Ensino Fundamental II, eu ainda residia na zona rural. Com o tempo de trabalho, meu pai já havia conquistado nossa casa própria, que era simples, porém nossa... e quando iniciei o Ensino Médio, meus pais resolveram mudar para Catalão. Em partes para mim foi a melhor decisão, mas com ela recebi muitas responsabilidades, uma delas foi ter que começar a trabalhar, pois somente meu pai não conseguia arcar com todas nossas despesas. Aos 14 (quatorze) anos, encontrei meu primeiro emprego em um restaurante, de garçõete. O turno começava as 18h e não tinha horário para terminar, tudo dependia da clientela. Trabalhar à noite e estudar de manhã foi muito difícil, mas não me queixo, foi ali que começaram os meus primeiros aprendizados para a vida... aguentei por 1 (um) ano a correria, até começar a perceber que naquela situação eu só teria condições de ir para uma faculdade se eu passasse na federal.

Desde então, eu comecei a procurar outro emprego durante o dia para me dedicar mais aos estudos. Consegui em uma farmácia, onde fui contratada como jovem aprendiz, para fazer a limpeza do local. A partir daí, iniciei também meus estudos no cursinho pré-

vestibular Israel Macedo, em Catalão – GO, era gratuito, muito bom e me ajudou imensamente. Em 2011, prestei o meu primeiro vestibular. Naquele momento, eu estava pensando em tentar um curso que me beneficiaria um salário melhor no futuro. Tentei Engenharia de Produção na UFG, atual UFCAT- Universidade Federal de Catalão³, mas não consegui passar para segunda fase.

A decepção foi grande, mas não a ponto de me fazer desistir. Foi então que comecei a analisar a minha vida e os projetos que eu estava fazendo para ela. Esse momento de pensamentos confusos, sobre si mesmo, é destacado por Delory-Momberger (2012) como um momento em que nos colocamos como prioridade, ou seja, nós somos o nosso próprio plano de existência, não precisamos de um coletivo, ou das adversidades da sociedade para decidir por nós o que fazer, em que caminho seguir. Portanto,

O “curso da vida” tende, assim, a instituir como o lugar de processos de seleção, de organização e de integração mediante os quais os indivíduos se inscrevem no mundo social e trabalham para a sua própria socialização (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 31).

Eu parei de pensar somente no que me traria mais benefícios para a minha vida e me questioneei sobre o que realmente eu queria fazer, com qual curso eu me identificava. Durante um desabafo com uma amiga, que era aluna do curso de pedagogia, comecei a perceber o quanto eu ficava entusiasmada com as coisas que ela me contava sobre o curso, o estágio, me fazendo ter certeza então de que minha verdadeira vocação era ser professora.

No ano seguinte, após me sentir identificada com o curso, prestei o vestibular para pedagogia e passei. No ano de 2013, finalmente, ingressei na Universidade. Foi um dia memorável! Eu não conseguia acreditar que mesmo tendo tido tantas dificuldades pelo caminho, eu estava ali realizando meu sonho. Mas, como tudo na vida, a graduação não foi fácil. Eu ainda trabalhava o dia todo e ia direto para a faculdade. Mesmo cansada e esgotada, eu sempre estava ali, pois amava meu curso, amo ser professora. Costumo dizer que a pedagogia me transformou e me fez enxergar quem eu realmente era, quem realmente eu sou. Deixei então de ser a menina frágil, criada na roça, para ser uma jovem determinada, que perdeu o medo de falar e de mostrar que era capaz.

³ A Lei 13.634, de 20 de março de 2018, publicada no Diário Oficial da União em 21/03/2018 traz o texto que cria a UFCAT - Universidade Federal de Catalão, a partir do desmembramento da UFG - Universidade Federal de Goiás.

Durante meus 4 (quatro) anos de graduação, passei por algumas disciplinas, e uma delas me fez descobrir que dentro de mim havia aquela vontade de estudar mais sobre a juventude. Não somente pelo fato de estar me tornando professora, mas pelo fato de sempre ouvir relatos da minha família sobre como foi ser “jovem”. Tais relatos me faziam entender que para eles não foi fácil, pelas condições vividas, tanto financeira, quanto psicologicamente, naquela época. E para outros jovens da atualidade, será que as coisas estavam diferentes?

Como eu estava no período de escolha do tema do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, percebi ser esse que eu queria, me sentia intrigada a buscar respostas para tais questionamentos. E, assim, acabei junto à minha orientadora, pesquisando sobre “Jovens na EJA: (Re) conhecer para garantir a efetivação do direito à educação”⁴. Propunha a análise desta modalidade, reconhecendo e compreendendo mais sobre o público jovem ali presente. Este foi o meu primeiro contato com o mundo da pesquisa e da juventude, tive a oportunidade de trabalhar com as narrativas, com a história de vida destes sujeitos.

Esta experiência me fez notar que eu poderia entender mais, aprofundar melhor nos estudos sobre este grupo social. Pude perceber também vários outros fenômenos que os envolve, e um deles foi a questão das dificuldades que os jovens, hoje, possuem para falarem de si, até mesmo de dizer quem são.

Para quem me conheceu nesta época, sabe do que vou relatar aqui, este momento de desenvolvimento do TCC, apesar de ter sido muito prazeroso e de grande aprendizado, foi sem dúvida um dos maiores desafios que enfrentei durante a graduação, pois, um período atrás, antes de começá-lo, eu tive uma perda inesperada, que abalou com todas as minhas estruturas... Lembram da dona Liodete minha avó, mãe da minha mãe? Pois é, ela nos deixou e foi morar com Deus. Logo ela, uma ou talvez a maior protagonista responsável pela minha história de vida.

Para quem teve a oportunidade de ter uma avó amorosa, amiga, companheira, sábia, ciumenta, a melhor do mundo, uma segunda mãe, pode imaginar o quanto foi difícil enfrentar a dor que eu senti ao ter que me despedir dela, uma das mulheres que mais me amou neste mundo... sofri muito e sofrerei para sempre sem ela aqui ... Porque com o

⁴ Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC foi construído sob orientação da Prof^a. Ms. Camila Aparecida de Campos, para os fins da conclusão do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Catalão – UFG, atualmente em transição para Universidade Federal de Catalão – UFCAT. Foi defendido no ano de 2017.

tempo a gente aceita... mas não esquece... Pelo contrário lembramos a cada dia mais, com cada lembrança vem a saudade de tempos e momentos que ficaram na memória e no coração...

Eu vivia dizendo para ela: “Vó a senhora é uma das pessoas que eu quero ver lá no auditório no dia da minha formatura, pois quando falarem o meu nome e eu for pegar o diploma, pode ter certeza que naquele momento estarei pensando na senhora e na minha mãe, porque vocês são a minha maior referência e as pessoas que mais me apoiaram em tudo. Essa conquista não será somente minha, mais nossa”. Mas, infelizmente ela não conseguiu estar lá fisicamente, mas acredito que espiritualmente ela sempre está ao meu lado vendo e aplaudindo de pé todas as minhas realizações.

Mas, as emoções não pararam por aí. Já ouviram aquele ditado que diz: “o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã”? Enfim, diante de tanta tristeza, descobri que eu estava grávida, bem no momento em que eu vivia o maior luto que tive até agora e o último período da faculdade... Pensem como estava a minha cabeça nesta época... Eu costumo dizer que Deus me mandou o maior consolo do mundo... Durante toda pesquisa de campo e apresentações do TCC, Mateus Fernando (meu filho), esteve comigo. Por ele eu segui, amadureci, enfrentei as minhas dores, as dificuldades e até coleí grau... Com um barrigão de 9 (nove) meses ... Ele nasceu 9 (nove) dias após a formatura.... E desde então ele tem sido a minha combustão para continuar e correr sempre atrás dos meus sonhos....

Para muitos um filho pode significar fraqueza, mas para mim o significado é força, nunca o vi como algo que me impedisse de trabalhar, estudar, ou fazer qualquer outra coisa.... Porque eu tenho certeza que ele veio ao mundo para me ensinar que desistir nunca será a opção.

Portanto, desde que era recém-nascido eu tinha na cabeça que eu não precisava esperar ele crescer, eu conseguiria ser mãe, professora e aluna... Então, por muitas vezes, tentei entrar para o programa de pós-graduação, mas não dava certo, eu sempre reprovava na prova de línguas.... Até que em 2019, eu consegui e fui aprovada.

Quando me deparei com a aprovação no programa de Pós-Graduação em Educação, na atual Ufcat- Universidade Federal de Catalão, lembrei de todo aquele contato que havia tido com os sujeitos jovens, e todas as percepções que eu havia presenciado durante as entrevistas. Deste modo, me vi novamente desafiada a continuar neste caminho da pesquisa, para responder os porquês que eu ainda carregava tantas dúvidas sobre os jovens. Entrei com uma proposta de projeto sobre Jovens da Eja, e após

uma conversa com meu orientador percebi que a juventude poderia ser pensada de diversas formas, e abordada por outro viés, que resolvemos pensar melhor se era isto mesmo que eu queria. E assim começou o meu mais novo desafio, procurar me encontrar novamente.

A partir de então, iniciei uma busca bibliográfica acerca do tema juventude, e percebi que este tem sido um tema bastante discutido, desde o século XX. Encontrei diversos trabalhos que abordam o assunto em diferentes aspectos. Dentre eles, podemos destacar alguns como Nathália Raggi (2010), que escreveu o artigo: “Juventudes na contemporaneidade: identidades, identificações, nomadismos”, na Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade, no intuito de discutir sobre transformações estruturais e globais que afetam diretamente as condições de socialização dos jovens contemporâneos, atingindo profundamente os processos de produção de seus destinos e subjetividades.

Outra contribuição importante foi o artigo: “um Olhar Sociológico sobre os Conceitos de Juventude e de Práticas Culturais: perspectivas e Reflexões”, publicado pela editora Centro de Estudios Sociales, escrito por Doutor (2016). Teve como propósito responder a tais indagações: O que se entende por juventude? O que é ser jovem no mundo atual? O que se entende por práticas culturais?

Além de artigos, encontramos também alguns livros publicados, como a obra “Juventude Contemporânea em pauta”, escrita por um jovem jornalista, professor e Mestre em Comunicação, Rafael Iwamoto Tosi (2015), que traz um diálogo sobre os jovens da atualidade diante de um debate midiático, que procura investigar como os grandes meios de comunicação representam a juventude. O livro desenvolve o que é ser jovem nos campos da fisiologia, psicologia, cultura e comportamento, cruzando esses dados com as respectivas representações culturais dos jovens nos filmes, novelas, revistas especializadas e jornais.

São muitas as pesquisas nessa área. Porém, o meu intuito não é de citar todas. Mas, sim, constatar que após algumas leituras, observei diversos os caminhos que eu poderia escolher para abordar este tema. Porém, depois de uma segunda conversa com meu orientador, ele me mostrou o caminho da pesquisa (auto) biográfica, como sendo uma alternativa para compreender histórias de vida a partir das experiências vividas, comecei a refletir sobre possibilidades de trabalhar o método (auto) biográfico, relacionado com a juventude e o cinema, que durante as buscas bibliográficas pude constatar que está sendo uma das referências de mídias mais utilizadas pelos jovens hoje.

Deste modo, comecei a procurar um filme que pudesse ser fonte para a minha pesquisa e encontrei “Cidade de Deus”, considerado um dos melhores filmes brasileiros, criado a partir do livro Homônimo de Paulo Lins (1997), dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lound. O filme, lançado em agosto de 2002, retrata bem uma representação da realidade e chama muito a atenção por apresentar fatos reais ocorridos durante as décadas de 60 e 80, na favela do Rio de Janeiro - Cidade de Deus. Possui um cenário repleto de violência, fazendo parte dele crianças e jovens. Foi um dos filmes mais expressivos da safra do cinema nacional, tanto no que diz respeito ao público que ele mobilizou, quanto pela atenção despertada por parte da intelectualidade, gerando assim, várias críticas e questionamentos, o que resultou em muitas pesquisas sobre o tema.

Podemos citar algumas como o artigo da Salvalaggio (2009), “Cidade de Deus: uma etnografia fílmica da violência”. Nele, ela investiga as imagens da violência e do risco presentes no filme Cidade de Deus. Investiga sobre o papel do Ethos de masculinidade e da força viril, presentes em particular na criminalidade que se instalou nas favelas do Rio de Janeiro, em meio à proliferação do tráfico de drogas e uso de armas de fogo, a partir da década de 1970, no Brasil.

Já Dutra (2005), escreveu a pesquisa “Cidade de Deus: a banalização da violência como discurso”, que teve como intuito detectar e analisar os elementos do discurso da banalização e mostrar como a violência, e seus efeitos danosos, pode tornar-se, em Cidade de Deus, entretenimento e espetáculo. Esses são apenas alguns de muitos trabalhos, artigos que tem acerca desta produção fílmica.

No entanto, o que me leva a utiliza-lo como fonte de pesquisa é a questão da representação destes sujeitos jovens, como sendo negros, pobres, e a maioria “bandido”. Quando lemos o roteiro do filme Cidade de Deus, vemos questões que buscam entendermos a conduta que os jovens assumem na sociedade que estão inseridos, e por várias mensagens sociais e culturais transmitidas durante a trama. Porém, o que realmente nos chamou atenção, foi para o fato que toda a história do filme é narrada por um único jovem, o Buscapé, que ao contar a história do filme também narra a sua própria história.

Deste modo, o pensamento que fica é: Quando a sociedade determina o que cada um é dentro dela, ela afeta o indivíduo a construir sua identidade, e conseqüentemente a sua construção humana, pois este sujeito se vê com um caminho já traçado, e o que resta é seguir em frente e aceitar seu “destino”. Foi pensando nesta perspectiva, que ao lermos o roteiro do filme, surgiu o seguinte problema: Como se dá a experiência de biografização do personagem Buscapé, a partir da narrativa do roteiro do filme Cidade de Deus?

Como objetivo geral, optamos pela seguinte pergunta norteadora: compreender a experiência de biografização do personagem Buscapé, a partir da narrativa do roteiro do filme Cidade de Deus.

E como objetivos específicos:

- Discorrer sobre construção humana, Arte e cinema;
- Conhecer os personagens jovens que compõem o filme Cidade de Deus, pautado pelo debate sobre as juventudes negras;
- Analisar a construção biográfica como formação humana, do personagem Buscapé, a partir do roteiro do filme Cidade de Deus.

Cinema como Fonte de Pesquisa

O cinema brasileiro, diferentemente do que ocorreu na Europa e nos Estados Unidos, demorou um pouco para se desenvolver. Segundo Jean Claude Bernardet (2008), no Brasil ele nasce em 1898, pelas mãos dos irmãos Afonso Segreto e Paschoal Segreto, considerados os primeiros cineastas no País, uma vez que realizaram gravações da Baía de Guanabara. A partir daí o cinema foi se desenvolvendo aos poucos. Inicialmente, era mudo, sofria com a falta de eletricidade e como tudo que se é criado ele foi se aprimorando em questões fílmicas.

No século XX, passou por várias fases, crises ao longo dos anos, para então chegar no cinema nacional brasileiro que temos hoje em pleno século XXI.

...há uma diferença notável entre o que Sadoul entende por nascimento do cinema e o que os historiadores brasileiros chamam de nascimento do cinema brasileiro: para Sadoul e seus sucessores, o nascimento do cinema é uma representação pública e paga, ou seja, um espetáculo, o filme na tela diante de espectadores que pagaram ingressos para ter acesso à projeção. Enquanto para os brasileiros, o nascimento do cinema é uma filmagem (BERNARDET, 2008, p. 25).

No entanto, o cinema demorou para ser considerado pelos historiadores como fonte de pesquisa. Antes, ele era considerado apenas uma fonte de divertimento, sua história ficava a cargo de pessoas do meio cinematográfico. Com a Nova História, segundo Moretti, novos objetos entram em cena e, o cinema, principalmente os filmes, começaram a ser analisados e isto ocorre a partir dos anos 1970 (MORETTI, 2003).

Marc Ferro, historiador francês e pioneiro no estudo da relação cinema e história, destaca que:

O cinema não tinha nascido quando a história adquiriu seus hábitos, aperfeiçoou seu método, cessou de narrar para explicar. A "linguagem" do cinema verifica-se ininteligível, de interpretação incerta. Porém, essa explicação não poderia satisfazer os que conhecem o infatigável ardor dos historiadores, instados a descobrir novos domínios: a considerar como essencial o que julgavam até esse momento desinteressante (FERRO, 1975, p. 199).

Kornis (1992) fala que foi diante da abertura da história para novos olhares que o filme entrou como “fonte preciosa para a compreensão dos comportamentos, das visões de mundo, dos valores, das identidades e das ideologias de uma sociedade ou de um momento histórico” (KORNIS, 1992, p. 239). Neste sentido, o cinema pode ser visto como algo capaz de ser produtor e refletor de identidade, expondo novos indivíduos na cena cultural.

O cinema é um dos meios midiático mais utilizado pela sociedade e cada vez mais ele vem ganhando seu espaço como ferramenta de educação e formação. Duarte diz que “ver filmes, é uma prática tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto as leituras de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2002, p. 17). Os filmes podem trazer experiências culturais capazes de produzir saberes, identidades, comportamentos e o melhor, proporcionar a um indivíduo uma capacidade de visão de mundo de um ângulo pelo qual ele pode perceber vários atores sociais. Duarte (2002) nos diz que é inegável que a relação entre público, público e filmes, e amantes do cinema e cinemas tem um profundo significado social.

Deste modo, reporto a necessidade de destacar a importância que o roteiro tem na construção de um filme e o seu destaque, nesta pesquisa, como instrumento de análise para a compreensão do objeto proposto, pois as imagens em si puderam nos mostrar muitas coisas interessantes, mas o que nos instigou de verdade foi a escrita do roteiro, apresentando uma perspectiva antes da filmagem, antes das imagens.

O Roteiro

Primeiramente começamos esta discussão colocando a seguinte questão: o que é um roteiro? O roteiro faz parte da construção de um filme, teatro, dentre outros. Ele também é considerado como fonte de pesquisa preciosa para análise.

Porém, quando pensamos na pergunta acima logo nos referimos ao roteiro como sendo apenas “o filme escrito”, em muitas páginas, mas na verdade ele é bem mais que isso, pois é na sua base de texto cinematográfico que se dá início a um filme, pois é ali que estará todo conteúdo a ser transmitido, todas as possibilidades e impossibilidades de um filme acontecer.

A construção de um roteiro é um momento solitário, um escritor, papel, caneta e computador. Mas é deste momento particular, deste embate contra o papel em branco que surge uma futura obra cinematográfica, é o momento em que a imaginação de quem o escreve se aflora.

Field (2001) publicou alguns manuais de roteiro. A primeira publicação foi feita em 1979, uma outra foi publicada em 2005, intitulada como “Fundamentos do Roteirismo” que é uma edição revisada da primeira. Ao ler as duas, fica visível que sua visão mudou um pouco em relação à primeira. Na última, ele diferencia um roteiro cinematográfico, em relação a um roteiro escrito para teatro, romances, etc. E a diferença se baseia exatamente através das imagens, que um produto cinematográfico tende a ter e o roteiro precisa descrever cada uma delas.

Portanto, a resposta para a questão levantada no início da discussão é que um roteiro possui nada mais do que a função de contar uma história através de personagens criadas pelo próprio roteirista, a partir de sua escrita, dentro de um tempo e uma construção histórica. O roteiro traz todas as primeiras emoções de um produto audiovisual, a descrição de cada lugar, personagens, sentimentos. Conforme Comparato (2009, p.27), “existem diferentes formas de definir um roteiro. Uma simples e direta seria: a forma escrita de qualquer projeto audiovisual”.

Escolhemos trabalhar com análise do roteiro escrito do filme Cidade de Deus, do que propriamente com o filme audiovisual. O roteiro traz detalhes que nos aproximam das histórias narradas e dos próprios personagens. É como se durante a leitura pudéssemos fazer parte daquele lugar, daquele tempo, isso nos proporciona um olhar sensível para entender cada narrativa, cada conduta ali assumida.

Dividiremos a pesquisa em três capítulos, dialogaremos, no primeiro capítulo, sobre construção humana, arte e cinema. No segundo capítulo, apresentaremos a biografia do personagem Buscapé e outros personagens, relacionando-a juventudes negras. E por

último, o terceiro capítulo, que se encarregará de analisar a construção biográfica como formação humana, do personagem Buscapé, a partir do roteiro do filme Cidade de Deus.

Percurso Metodológico

A argumentação teórico-metodológica terá como intuito apresentar os referenciais contribuintes para o desdobramento do nosso objetivo, compreender a experiência de biografização do personagem Buscapé a partir das narrativas do roteiro do filme Cidade de Deus. Para tanto, utilizaremos o método narrativo biográfico, de acordo com Bolívar (2012), pode ser entendido como um instrumento de fontes múltiplas que abordam informações individuais, na intenção de evidenciar uma vida, um acontecimento ou até mesmo uma situação social.

Souza (2006) aponta a narrativa (auto) biográfica como um instrumento de investigação importante para a compreensão de histórias de vida a partir das narrativas dos sujeitos e de suas experiências. Gualda e Melleiro (2003, p. 70), afirmam que:

Quando os indivíduos falam de suas experiências, eles utilizam a memória autobiográfica, que pode ser compreendida não como reprodução de eventos passados, mas como reconstruções congruentes à compreensão atual; o presente é explicado, tendo como referência o passado reconstruído e ambos são utilizados para gerar expectativas sobre o futuro.

Delory-Momberger (2008) aponta que a biografia se dá justamente por conta deste processo de rememoração do passado, permitindo ao indivíduo que a cada momento ele faça uma nova interpretação do ciclo de sua vida. A partir deste processo ele constrói sua experiência biográfica, conseqüentemente produz a identidade do eu, ou seja, reconhece a si próprio. Deste modo:

[...] quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade (CUNHA, 1997, p. 187).

Para compreender nosso objeto utilizaremos como uma de nossas fontes de dados a Pesquisa documental, segundo os autores Bonotto, Kripka e Scheller (2015, p. 244.):

[...] é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos. Ainda, uma pesquisa é caracterizada como documental quando essa for a única abordagem qualitativa, sendo usada como método autônomo. Porém, também é possível utilizar documentos e análise de documentos como estratégias complementares a outros métodos.

A pesquisa documental é de grande valia, pois nos ajuda com aportes de leituras, principalmente de artigos, capítulos de livro, enfim, de alguns trabalhos feitos baseados no filme Cidade de Deus, analisamos e contribuíram para melhor entendimento do filme.

Deste modo, o roteiro do filme “Cidade de Deus” é a nossa fonte principal, com enfoque na história narrada pelo próprio personagem Buscapé. No entanto, ainda não se tem um procedimento padrão para este tipo de análise. O que propomos é interpretar. Conforme Marina e Santamarino (1994, p. 270):

[...] hay un proceso de interpretación al que podemos llamar comprensión escénica. Esta perspectiva plantea que lo se hace un proceso de investigación respecto de una historia no tiene que ver tanto com detectar cuál es su estructura muestral, ni tampoco co caules son los elementos de profundidad de sus sentidos ocultos. No se trata de ir decortizando el texto hasta llegar a su sentido más oculto, porque em realidade no lo tiene.

Neste caso, o processo de compreensão *escénica* nos mostra que é necessário enxergar, interpretar o texto, no nosso caso o roteiro, de uma forma mais profunda, sem observar apenas o sentido original que essa escrita possui, mas buscar reconstruí-la, procurando outra essência dentro daquele contexto, construindo uma nova história que não seja a original. No caso desta pesquisa, nos interessa interpretar as narrativas do personagem Buscapé, levando em consideração a sua história e não a história em si do filme Cidade de Deus.

Desta forma, analisamos o roteiro como um todo, destacando assim a presença da narrativa do personagem, o que nos aproxima da sua história de vida e nos propicia, por fim, a interpretação delas.

CAPITULO I

CONSTRUÇÃO HUMANA, ARTE E CINEMA

O objetivo deste capítulo é mostrar que a formação humana, principalmente defendida por Saviani (1984; Durkheim (2007); Rodrigues (2001) é tão importante para nós quanto a educação formal, adquirida dentro das instituições de ensino. Destacamos, através das concepções defendidas por Fischer (1983) e Duarte (2002) a importância da arte na formação do indivíduo e como ela é atual em nossas vidas, como fonte socializadora de conhecimento, capaz de despertar no homem a formação cultural e social. E o cinema é umas dessas fontes artísticas.

Por fim, inspirada no filósofo Peirce, mostramos que a semiótica, a linguagem dos signos, pode nos proporcionar uma visão mais aprofundada para determinado objeto, inicialmente pensamos ter um significado, mas se olharmos melhor veremos que está repleto de vários outros signos, inclusive a nossa imaginação. Deste modo, destacaremos a nossa opção pela análise de roteiro e não pelas imagens do filme Cidade de Deus.

1.1 Construção Humana, um Processo Educativo

O tema Educação é discutido em diversos aspectos, escola, sala de aula, professores, alunos, etc. Isto ocorre porque nos encontramos dentro de um modelo de sociedade capitalista exigindo desde de cedo que os indivíduos já comecem a se preparar para atender aos seus interesses. A Educação neste contexto começa a ser um dos meios de ação para preparar as pessoas para a vida social.

Ao definir os atributos do ato educativo como o de preparar os indivíduos para a vida social, institui-se um parâmetro universal sobre os fins da Educação. E esse parâmetro pode ser expresso em um outro discurso paralelo e a ele correspondente: o de formar os indivíduos para o exercício da Cidadania. O que se coloca como fim ou finalidade da ação educativa constitui-se, *ipso facto*, em seu próprio conceito. Um exame mais acurado dessas proposições indicaria que, por esse caminho conceitual, o discurso educativo acaba se convertendo numa proposição tautológica, e coopera para enfraquecer a construção de um bom entendimento a respeito do que seja a Educação (RODRIGUES, 2001, p. 234).

O que seria esse “formar indivíduos para a cidadania”? Rodrigues (2001) diz que esta definição de ato educativo está ligada à sociedade contemporânea, cada vez mais nos faz perceber que a ação educativa é um processo rotineiro de todos os seres humanos. Indivíduos em crescimento (crianças e adolescentes), desde cedo, já estão sendo preparados para cumprir papéis sociais relacionados à vida coletiva e reaparecimento de condições de existência (trabalho), “ao comportamento justo na vida pública e ao uso adequado e responsável de conhecimentos e habilidades disponíveis no tempo e nos espaços onde a vida dos indivíduos se realiza” (p.235). Fica a cargo das escolas e educadores prepararem esses indivíduos para atenderem todas estas demandas e muitas outras. Deste modo, a preocupação com a educação, principalmente nos meios políticos, gira em torno de construir mais escolas, avaliações de ensino para testar a aprendizagem etc.

No entanto, o processo educativo não se reduz a essa formação externa. Ela é necessária, mas não suficiente. Se o fosse, o ato de educar seria um simples exercício de reproduzir o ser humano segundo um modelo externo, o que transformaria o ser humano num objeto a ser trabalhado por um sujeito formador. Dever-se-ia acreditar que há um modelo ideal ao qual devemos conformar os educandos. Creio ser esse o sentido atribuído à afirmação, muito difundida, de que educar é promover o ajustamento do educando a uma determinada realidade (RODRIGUES, 2001, p. 241).

Em seguida, Rodrigues (2001, p. 241) rebate: “Ora, educar não é somente isso”. No segundo plano, a educação envolve a ativação dos meios intelectuais de cada aluno para que ele seja capaz de fazer pleno uso de seu potencial físico, intelectual e comportamento moral, para continuar sua própria formação. Ou seja, a Educação formal é importante para o desenvolvimento do indivíduo, mas sozinha ela se torna fragmentada, pois ela é uma via de mão dupla, onde não se pode esquecer que desde antes de receber instruções na escola, já recebíamos e continuamos a receber a educação de formação para a vida.

Alheit e Dausien (2006), esclarecem que vivemos em um constante aprendizado, que ocorre até mesmo no ato de assistir televisão, fazer uma leitura de um livro, revista, ao acessar as redes sociais, através do pensar para saber como agir. Tudo isso se torna processos formativos para a construção humana, o que pode ser denominado de educação informal.

O intuito aqui é mostrar que existe outros tipos de aprendizagens tão importantes quanto a formal, e em termos de educação integral, uma não se faz sem a outra.

Segundo Rodrigues (2001, p. 240):

a Educação é necessária para que o Ser Homem seja constituído. O Homem não se define como tal no próprio ato de seu nascimento, pois nasce apenas como criatura biológica que carece se transformar, se recriar como Ser Humano. Esse ser deverá incorporar uma natureza em tudo distinta das outras criaturas. Ao nascer não se encontra equipado nem preparado para orientar-se no processo de sua própria existência.

Saviani (1984, p. 1) diz que sem ela os seres humanos não se diferenciariam dos outros animais, pois:

Sabe-se que diferentemente dos outros animais que se adaptam a realidade natural tendo sua sobrevivência garantida naturalmente, o homem necessita produzir continuamente sua própria existência. Portanto, em lugar de se adaptar à natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transforma-la.

A produção da sua existência se dá pelo trabalho. Através deste é que ele conseguirá sua sobrevivência. Pode se pensar que a educação já faz parte do ser humano desde sua existência. O homem, ao procurar uma forma de trabalho, para garantir sua subsistência, amplia também suas capacidades de pensar, agir, criando, assim, valores, ideias, símbolos, ações, objetivos etc.

Para o sociólogo Èmile Durkheim, a educação é um ato social, ou seja:

Em cada sociedade, existem tantas educações especiais quantos os diferentes meios sociais. E mesmo nas sociedades igualitárias como as nossas, que tendem a eliminar as diferenças injustas, a educação varia e deve necessariamente variar, segundo as profissões. Sem dúvidas, todas estas educações especiais se fixam em uma base comum. Mas esta educação comum varia de uma sociedade para outra. Cada sociedade possui um determinado ideal de homem (DURKHEIM, 2007, p. 14).

A educação, deste modo, ocorrerá de acordo com o lugar onde os povos estão inseridos. Cada lugar tem sua forma própria de determinar como a educação acontece, para os fins da própria existência. O sistema educacional de uma determinada comunidade seria, em grande proporção, o produto socioeducativo das gerações anteriores, produzido em conjunto e perpassado por influências da religião, da economia, da organização política, dentre outros.

Deste modo, se observamos com atenção a primeira cena presente no roteiro do filme Cidade de Deus, já conseguimos imaginar e ter noção de como seria o sistema educativo daquela comunidade, ou seja, da periferia.

Abrimos com a imagem de um FACÃO sendo afiado.

CARACTERES em superposição: 1981

Ouve-se o murmúrio de VOZES alegres, vozes CANTANDO um samba acompanhado de um BATUQUE. Não vemos as pessoas. Mas os sons deixam claro que se trata de um ambiente festivo.

A letra do samba tem como tema: comida.

MÃOS NEGRAS amarram com um barbante a PERNA de um GALO.

O galo é imponente e vistoso. Alternamos o galo --incomodado por ter a perna amarrada -- a imagens que sugerem a preparação de um almoço:

ÁGUA FERVENDO numa enorme panela.

O galo parece reagir à imagem anterior.

Batatas sendo descascadas por MÃOS de uma mulher negra.

O galo reage como se entendesse a situação: vai virar comida.

GALINHAS MORTAS sendo depenadas por MÃOS de mulheres negras.

O galo reage. Ele tenta libertar a perna amarrada ao barbante.

MÃO masculina negra percute o couro de um pandeiro.

A letra do samba faz referência explícita ao tema comida.

O galo parece entender que seu fim
está próximo.

Um FACÃO sendo afiado por mãos negras
masculinas. A faca vai CRESCENDO, tornando-
se cada vez mais ameaçadora.

O galo se desespera. Luta. E escapa.
(MANTOVANI, 2001, p. 1)⁵

Ao fazer a leitura desta cena, são muitos os pensamentos que nos vem à cabeça, principalmente pela representatividade que ela traz do lugar. O facão afiado nos leva a pensar em medo e violência. Já a letra do samba ser sobre comida, logo nos vem a questão da fome, ou, seja, pobreza. As mãos negras amarrando o galo mostram que é uma comunidade também composta por negros, a correria do galo fugindo para não ser morto, retrata bem um ditado popular que o próprio Buscapé utiliza durante o filme, na Cidade de Deus “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”. O sistema educacional informal que ocorre neste meio é sem dúvidas o de sobreviver a todas estas questões descritas. Este sentimento de sobrevivência pode se tornar um processo educativo, para os indivíduos pertencentes a este lugar, podendo então servir como formação para a vida, pois ao tentar melhorar a realidade inserida, ele, conseqüentemente, pode acabar melhorando a si mesmo, se construindo humanamente.

Podemos, pois, dizer que a natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Conseqüentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (SAVIANI, 1984, p.02).

A educação faz com que o indivíduo identifique os elementos culturais, que por eles precisam ser assimilados, de forma aos tornarem humanos e consigam fazer suas próprias descobertas atingindo o objetivo a ser alcançado.

No entanto, a perspectiva de se construir está cada vez mais carregada de significados dentro da sociedade contemporânea, pois os indivíduos vivem em uma sociedade complexa, com diferentes raças, culturas, valores, conhecimentos, padrões

⁵ Fizemos duas opções para a citação do roteiro: primeiro, adotar o **formato Master Scene**, que trabalha com os principais elementos: Cabeçalho de Cena, Ação, Diálogos e Transições. Segundo, a utilização da fonte COURIER NEW.

sociais, formas e estilos de comportamentos diferentes, levando as pessoas a se construírem de acordo com as necessidades, ou seja, profissionalmente, financeiramente, etc. Nesse caso, o comportamento humano acaba sendo afetado diretamente, pois as pessoas vivem em uma sociedade em que as suas condutas individuais não estão sendo definidas, de maneira individual, de como elas enxergam o mundo, mas pela maneira como a sociedade quer que o mundo seja visto.

Assim, do princípio do dia até a hora de dormir, o indivíduo está tendo experiências sociais e individuais, ou seja, assistir televisão, trabalhar, passear dentre outras ações. De acordo com Durkheim (2007, p.01), Fato Social: “[...] é empregada correntemente para designar mais ou menos todos os fenômenos que se dão no interior da sociedade, por menos que apresentem, com uma certa generalidade, algum interesse social”.

Durkheim (1983) foi o primeiro a tornar explícito a relação entre a diferenciação social e a individualização, ao afirmar que no âmbito de uma sociedade complexa e desigual, constituída por grupos cada vez maiores, realizadores de funções cada vez mais individuais, os indivíduos ampliam sua singularidade e acabam sendo obrigados a desenvolver uma suposta “personalidade”.

Não se pode desconhecer, no entanto, as enormes dificuldades para que o ser humano atue na vida social norteado por essa regulação. O mundo humano não é um mundo pré-determinado. Não sendo pré-determinado, ele é um produto que resulta da confluência de fatores diversos como os da vontade, da autonomia dos sujeitos, e de como se articulam os projetos que ultrapassam os limites individuais. Tudo isso ainda precisa ser combinado com um quadro de valores que orienta as escolhas de cada um e que pode se alterar em função dos mais diversos fatores, como os conjunturais, os dos espaços sociais em que os indivíduos vivem, as relações de gênero, as expectativas sociais dos indivíduos ou de grupos com os quais os indivíduos se relacionam, os círculos de amizade e até mesmo os estados emocionais (RODRIGUES, 2001, p. 251).

No roteiro de “Cidade de Deus”, percebemos que a trama é composta principalmente por jovens, denominados pela sociedade e senso comum como “jovens periféricos”, assim chamados por pertencerem a uma comunidade, intitulada de periferia, um lugar simples, taxado pela pobreza, violência, dentre outros tantos adjetivos. Estes indivíduos mostram ao leitor e telespectador como os jovens periféricos são levados a desenvolver “supostas personalidades”, e como elas geram uma crise em torno das identidades que parecem perdidas dentro deste modelo de sociedade hodierno. O jovem

periférico, ao se sentir perdido, desalojado, começa a procurar representatividades que os faça sentir pertencentes a um lugar, a um grupo ou seja tenta buscar sentido para suas condutas, para sua vida e para ele mesmo.

A identidade não se torna algo fixo para esse indivíduo e com isso vem a dificuldade de fazer um processo biográfico de sua vida, isto é, segundo Delory-Momberger (2012. p. 3), construir “o conjunto de operações e comportamentos pelos quais os humanos trabalham para se produzir como indivíduos para si e para os outros, dando às suas experiências uma forma própria na qual eles reconhecem a si mesmos e são reconhecidos pelos outros”. É preciso fazer com que as representações se tornem históricas e que através destas o sujeito se apossa da sua vida e conseqüentemente se encontre.

Ao analisar o roteiro, nos colocamos a imaginar o que o roteirista deste filme pensou ao criar essa ficção e os personagens. Ele pode ter querido despertar em nós uma reflexão da vida real, pois há representação de fatos reais ocorridos e vividos por pessoas no nosso Brasil, especificamente na favela Cidade de Deus, diante disto nos levar a pensar também, em nossa vida. Nós, seres humanos, estamos sempre perdidos, procurando algo para nos ancorar, que nos represente e que, ao mesmo tempo, nos complete. Alguns recorrem à poesia para expressar seus sentimentos, outros à músicas que parecem representar seus momentos, e outros, ao cinema, através de um filme, que quando começamos a assistir, muitas vezes nos confundimos com os personagens, como se fizéssemos parte daquela trama, como se tudo ali fosse parte da nossa realidade, de quem somos, como se, naquele instante, nós nos encontrássemos dentro daquela história narrada, e nos descobríssemos, ou melhor ainda, adquiríssemos algum conhecimento que talvez nos faltava e só enxergamos ali através daquela representação.

Ora, mas porque recorrer a arte como um aparato de educação de formação e conhecimento e não a um problema de matemática?

Simplesmente pela questão de que não há uma fórmula concreta para resolver tudo em nossas vidas a educação formal não consegue abranger tudo o que um homem precisa para se sentir completo. Fischer aponta a arte como sendo algo essencial para que o homem alcance a totalidade do seu ser, ou seja,

Não lhe basta ser um indivíduo separado; além da parcialidade da sua vida individual, anseia uma “plenitude” que sente e tenta alcançar, uma plenitude de vida que lhe é fraudada pela individualidade e todas as suas limitações; uma plenitude na direção da qual se orienta quando busca

um mundo mais compreensível e mais justo, um mundo que tenha significação (FISCHER, 1983, p.12).

O homem procura algo a mais, além daquilo que a ciência é capaz de proporcionar para a construção de sua suposta personalidade, ele tem fome de mundo, de expandir e experimentar de uma forma agradável e mais sensível o seu eu, por isso tem a necessidade de buscar experiências exteriores. A partir deste pensamento, Fischer (1983, p.13) diz que “a arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo como o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias”.

Na atual sociedade contemporânea em que estamos inseridos, vivemos em constantes lutas geradas pela individualização, causada principalmente pelo modelo capitalista e uma delas é a desigualdade social, a maioria é classe baixa, precisa trabalhar para garantir seu sustento. Sendo assim, Fischer (1983) acredita que a arte acompanha estas transformações de mundo, em cada época ela possui um propósito, ou seja, ele sugere que um homem ou uma mulher passa o dia no trabalho, com certeza procura um teatro, por exemplo para:

... divertir-se assistindo às suas próprias atribuições, às durezas do trabalho que depende a sua subsistência, bem como para sofrer os impactos das suas incessantes transformações. Aqui, ele poderá produzir-se a si mesmo da maneira mais fácil, pois o modo mais fácil de existência é a arte (Fischer, 1983, p.15).

Deste modo, Duarte (2002) reporta que não somente o teatro mais o cinema também é escolhido pelos telespectadores. Além de um gosto pessoal, a escolha por um filme tem muito mais a ver com a cultura social do indivíduo, ou seja, está interligada ao lugar, à família em que encontra-se inserido. A autora ainda defende que isto é a magia do audiovisual, pois ele propõe uma prática social formadora.

No entanto, Duarte (2002) faz a seguinte indagação: o que isto tem a ver com educação?

Em seguida, ela responde que socializar faz parte do aprendizado do campo da sociologia, conhecida como a ciência autônoma, ela trata essa teoria da socialização em duas vertentes: a primeira é formulada a partir da concepção que o homem para se socializar precisa aprender a viver no mundo, pois nascem despreparados de conhecimento de sobrevivência, assim se faz necessário, “interiorizar as regras sócias... e as normas que a sociedade impõe aos que dela desejam participar (Duarte, 2002, p.15).

O segundo pensamento acredita que a socialização é algo permanente do indivíduo, ou seja, ela não acontece somente em um momento em que o homem precisa aprender as regras, valores, para se encaixar em um lugar e conseguir sobreviver, a socialização é algo que sempre acontece, pois está interiorizada no indivíduo e desta forma pode ser entendida como um “movimento dinâmico de produção e reprodução, de perpetuação e transformação, no qual a adaptação de uma nova geração ao mundo social sempre o modifica um pouco” (Duarte, 2002, p.16).

E é pensando nestas concepções, em torno do que seria se socializar, Duarte (2002) afirma que o cinema é uma forma educacional de socialização. Ele é uma rica fonte cultural, educa as pessoas a partir do olhar, do ouvir, a cinematografia os excita a pensar, a interpretar e até mesmo a repensar suas ações, convicções. O cinema é como um livro que não devemos julgar pela capa, pois às vezes ela é uma simples capa que não nos chamou atenção, mas o seu conteúdo, a sua história, poderá ser a melhor já lida em toda nossa vida...

Assim, posso descrever a minha escolha por esta pesquisa, pelo filme cidade de Deus e principalmente pelo personagem Buscapé, a quem reporto todos os meus olhares. Para quem assiste o filme, observa as imagens, vê muitos aspectos que estão visíveis ali, como a violência, as drogas, a favela, dentre outros. Mas, quando algo te chama atenção para aprofundar seu olhar e continuar procurando mais, você acaba achando outras coisas, às vezes, poderia ter passado despercebido e começa a observar que talvez por detrás das cenas, das imagens, poderia ter um pouco mais. E foi atrás desse pouco mais que não conseguimos achar no filme o qual fomos atrás do roteiro, e neste momento percebemos que tínhamos achado a chave para responder todas as nossas indagações, conseguimos também encontrar o nosso objeto.

No próximo tópico, falaremos mais sobre a magia do cinema e sua face oculta....

1.2 O Cinema como Ferramenta de Formação Cultural e a Importância da Semiótica

Como vimos, o cinema é uma forma de arte socializadora e tem sido, principalmente a partir do século XX, o meio artístico mais utilizado pelas pessoas. Através dele vemos propagações sobre política, etnias, e muito mais. A imagem está sempre se inovando e criando vínculos com a realidade, os filmes sempre procuram

transmitir uma mensagem para seu público, que no primeiro momento se reconhecem, criam identidades, para depois interpreta-lo. (DUARTE, 2002).

De acordo com Duarte (2002, p. 51-52), o cinema atua como prática cultural, ou seja;

O significado cultural de um filme (ou de um conjunto deles) é sempre constituído no contexto em que ele é visto e/ou produzido. Filmes não são eventos culturais autônomos, é sempre a partir dos mitos, crenças, valores e práticas sociais das diferentes culturas que as narrativas orais, escritas ou audiovisuais ganham sentido.

Desta forma, a intenção é que como telespectadores sintamos estar vivendo algo real, cheio de significados, pois a linguagem do cinema é repleta de signos. Alguns autores como Aumont e Marie (2004), a partir desta visão dos signos, apontam que não exista um método concreto e único de análise fílmica, pelo contrário, ele nos mostra um leque de possibilidades metodológicas para este tipo de análise e deixa bem claro que a metodologia a ser escolhida partirá sempre do pesquisador e seu desejo de analisar.

Portanto, no nosso caso, optamos por não focar toda a nossa atenção na história do filme narrada através das imagens, mas sim na história do filme, Cidade de Deus, narrada através do roteiro (escrita), pois foi através deste que construímos nosso objeto de pesquisa, visando compreender a experiência de biografização do personagem Buscapé, a partir da narrativa do roteiro do filme Cidade de Deus.

Assim, ficaremos atentos aos elementos que aparecem no roteiro, como os recortes temporais, que se dão entre as décadas de 60 (sessenta) e 80 (oitenta), que nos mostram uma passagem do tempo de Buscapé criança para a juventude, pois imaginamos que este processo possui uma significação importante para a compreensão de sua experiência biográfica. Muitos são os elementos, dentre eles, podemos destacar a história da favela, antes e depois dos moradores; dos bandidos; da pobreza; do negro; do trabalho; da juventude; da violência; das autoridades, etc. Tudo isso faz parte da biografização de Buscapé, fora o que não está explícito.

E, a partir desta visão de significação, trabalharemos com a concepção da semiótica abordada por Charles Sanders Peirce, filósofo americano, que considera a semiótica uma ciência filosófica da linguagem e das representações.

Segundo Santella (2005, p. 2.) A semiótica peirciana é:

...alicerçada na fenomenologia, uma quase-ciência que investiga os modos como apreendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente, qualquer coisa de qualquer tipo, algo simples como um cheiro, uma formação de nuvens no céu, o ruído da chuva, uma imagem em uma revista etc., ou algo mais complexo como um conceito abstrato, a lembrança de um tempo vivido etc., enfim, tudo que se apresenta à mente.

Imaginem comigo... estamos caminhando na rua, e de repente passamos em frente a uma loja de perfumes. Naquele momento, olhamos para dentro e vemos a vendedora com um frasco na mão, imediatamente ela borrifa o conteúdo em um pedaço de papel e o cheiro sai pelos ares, despertando nosso olfato para um perfume que nos desperta uma mistura de sentimentos e sensações as quais nos fazem imaginar que já sentimos aquele cheiro em algum lugar. A partir deste momento começamos a tentar identificar onde e por que é tão familiar. A nossa mente tenta interpretar e descobrir porque gostamos... será que tínhamos um perfume com aquele cheiro, ou conhecíamos alguém que o usava? A partir daqui a nossa mente buscará significados que nos auxiliarão a encontrar o verdadeiro motivo de tanto encantamento por aquele perfume.

A semiótica é baseada em triplos de classificação e inferência, provando que existem objetos no mundo, representados na forma de símbolos e nossa interpretação psicológica desses objetos. Uma das explicações mais citadas de Charles Peirce é que os símbolos substituem os objetos em nossas mentes, eles constituem a linguagem e são a base do discurso em todo o mundo (Nicolau et al, 2010).

Qualquer coisa que esteja presente à mente tem a natureza de um signo. Signo é aquilo que dá corpo ao pensamento, às emoções, reações etc. Por isso mesmo, pensamentos, emoções e reações podem ser externalizados. Essas externalizações são traduções mais ou menos fiéis de signos internos para signos externos (SANTELLA, 2005, p. 10).

A fenomenologia de Peirce fornece uma base para o antirrationalíssimo, o anti-linguisticismo e a semiótica primitiva radical, porque nos permite também considerar o pensamento como símbolos, ou mais precisamente, como quase-símbolos, rebeldes, fenômenos imprecisos e vagamente certos mostram imprecisão e certeza em sua singularidade, sendo mesmo fenômenos não repetíveis.

É por isso que suspiros, canções, teoremas, partituras, livros, impressos ou comerciais de TV, incluindo nossas visões sobre eles, em sua natureza simbólica e no aspecto de mistura entre eles, pode ser analisado pela semiótica. Na verdade, esse

potencial é o resultado da estreita conexão entre semiótica e fenomenologia. É a partir disso que é possível considerar os símbolos e interpretações da primeira categoria (sentimentos e emoções puros), da segunda categoria (percepções, ações e reações) e da terceira categoria (discurso e pensamento abstratos), o que torna o sentimento muito próximo. Reação, experiência e pensamento. São essas misturas que se baseiam muito precisamente nos diferentes tipos de símbolos estudados por Peirce.

1.3 Considerações Parciais

Neste capítulo, trouxemos algumas bases teóricas que nos ajudam a pensar no nosso objetivo de pesquisa, compreender a experiência de biografização do personagem Buscapé, a partir da narrativa do roteiro do filme Cidade de Deus.

Partimos do contexto da construção humana como um processo educacional, para mostrar que a educação não está somente presente dentro da sala de aula. Ela é um processo de formação humana ao longo da vida.

Através da educação aprendemos como sobreviver. Ela nos proporciona ensinamentos de formação para a vida, como valores, o pensar, o agir. Ela é a base para o “homem se tornar homem”.

Porém, vemos que a sociedade contemporânea distancia a Educação formal da informal e explicitamos neste capítulo que uma não se faz sem a outra. A distância entre a educação formal e a informal leva a uma formação mais técnica, menos humana, distante das pessoas e isso contribui para a crise de identidade que reina perante este modelo de sociedade.

Logo após, explicitamos que a arte tem sido uma ferramenta de formação cultural escolhida pelo homem, como um aparato de sensibilidade diferente do recebido no seu dia a dia, quando estão exercendo suas funções dentro da sociedade. O cinema tem sido considerado uma ferramenta transformadora, capaz de transmitir aos seus telespectadores lições de vida, aproximando cada dia mais com a nossa realidade. Ele é uma ferramenta socializadora capaz de nos transmitir conhecimentos através do ouvir, da visão e da imaginação.

Diante disto, debatemos a importância da linguagem dos signos, ou seja, a semiótica que surgiu através de alguns filósofos como Peirce, que nos mostrou que qualquer objeto, por mais esquisito e complicado que for, possui significados, e cabe a nós, pesquisadores, desvendar os seus signos e representações. Aqui, o propósito foi

destacar que utilizando esta ciência optamos por analisar o roteiro (escrita) do filme Cidade de Deus e não as imagens da trama por si, pois através dele nos sentimos mais à vontade para refletir, imaginar e desvendar as significações presentes na história do personagem Buscapé.

No próximo capítulo, apresentaremos a vocês o personagem Buscapé e sua biografia, contaremos sua história baseada nas suas narrativas presente no roteiro, bem como a discursão das juventudes e juventude negra, pautada pelo debate de que existe não uma, mas várias, inclusive a negra e a partir daqui destacar a crise que se acarreta em torno das identidades juvenis, principalmente do grupo de jovens periféricos.

CAPITULO II

BIOGRAFIA DO PERSONAGEM BUSCAPÉ - A JUVENTUDE NEGRA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

2.1 Juventude/Juventude Negras

Para falar sobre juventude contemporânea, antes abordaremos os conceitos do que chamamos de juventude. Em geral, o termo juventude é concebido como a transição de vida que se estende da infância ou da adolescência à idade adulta. A definição de juventude sempre significou mais do que uma mera etapa do desenvolvimento físico-psicológico. “Atualmente, esta noção encontra-se intimamente relacionada com o estatuto social que os jovens têm vindo a assumir nas sociedades ocidentais e industrializadas” (DOUTOR, 2016, p. 3.).

De acordo com estudos sociológicos, ao longo dos últimos 30 (trinta) anos, o conceito de juventude tem passado por algumas mudanças de conceitos: primeiramente, era entendida como uma fase de vida própria, posteriormente, denominada de uma aparente unidade. Se fôssemos pensar num contexto de homogeneidade, iríamos à procura de aspetos mais regulares que definiam esta etapa da vida, como personalidades que faziam parte de uma cultura juvenil específica. Porém, o que se predomina aqui é a postura sociológica colocada a procurar não apenas as possíveis semelhanças entre os jovens ou os grupos de jovens, mas sim, as diferenças sociais que existem entre eles.

Desta maneira, quando mencionamos jovens estudantes, jovens trabalhadores, jovens em contexto urbano ou jovens em contexto rural, percebemos que existem diferentes sentidos relacionados à juventude. Falamos, então, não mais em juventude, mas juventudes (no plural), pois os jovens constituem um segmento heterogéneo, a juventude deve ser olhada na sua diversidade, como sujeitos sociais que constroem um determinado modo de ser jovem e devem ser considerados de modo específico, “em termos económicos, geográficos, culturais, étnicos, de orientação religiosa e filosófica” (Abramovay, 1998, p. 5).

Dayrell (2003) nos traz, em seu artigo publicado na Revista Brasileira de Educação, um pouco mais de entendimento sobre este termo “sujeitos sociais”. Segundo ele:

o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade (DAYRELL, 2003, p.3-4).

Neste caso, percebemos que o sujeito está em constante fase de construção, a todo momento ele busca se inserir na sociedade como um indivíduo cultural e social. No entanto, vemos que o mundo está passando, no século XXI, por várias mudanças e transformações, em vários contextos e isto acaba atingindo muitas pessoas, principalmente os jovens, cujos estilos de vida estão cada vez mais afetados, principalmente na relação entre socialização, educação e trabalho, com seu estilo de vida, com seu pensamento. Aqui começa a concepção da exclusão do jovem, são levados a agir e pensar como se todos fossem iguais e tivessem um padrão a seguir, esquecendo que a juventude ocorre no plural, temos jovens em diferentes classes, raça e cor.

Segundo Carrijo (2019, p. 131), isto é algo impossível pois:

Diante da “pluralidade de situações e a multiplicação de descontinuidades e estatutos híbridos e provisórios” que cercam as juventudes, tidas como frágeis e inseguras, ora inexperientes e incapazes, ora rebeldes e sonhadoras, elas vão tentando escapar aos estereótipos, desafiando-se à compreensão de si, numa tentativa de autodefinição, na qual seja possível ser múltiplo, inquieto, diverso, livre de um determinador comum.

O que gera muita insegurança no jovem, a todo momento fica a cargo de interpretar quem são, no objetivo de ser também o que a sociedade e as pessoas determinam que ele é.

A juventude nos moldes de hoje parece apresentar tudo aquilo de melhor e pior a condição humana encerra. Apesar das indeterminações que esta carrega, ser jovem parece representar a “idade de ouro”, apresentada pelas mídias de mercado e matéria de desejo de uma sociedade que tenta a todo custo ascender o velho mito da tão “sonhada eterna juventude”. A visualidade, os circuitos de comunicação de massa, as tecnologias audiovisuais e digitais são, por isso, elementos cruciais para a constituição da representação de juventude conhecida atualmente. E para tanto percebe-se que os jovens

estão passando por um conflito de representações na sociedade contemporânea não os deixando assumir sua identidade própria.

Uma fala do personagem Buscapé durante a trama nos mostra bem o quanto o jovem negro é mal visto e mal interpretado diante de algumas situações, e como são julgados apenas pela aparência, lugar em que vivem, situação financeira e claro o mais importante sua cor.

BUSCA-PÉ: (V.O)

Eu arrumei emprego de fiscal numa loja do Makro, bem longe da Cidade de Deus. Trabalhei lá um tempão, ganhando mixaria. Eu já tava torcendo para eles me mandar embora. Com a grana da indenização e comprar uma máquina fotográfica de verdade. Mas não foi bem assim que as coisas aconteceram...

BUSCA-PÉ: (V.O)

O filho da puta do gerente achou que eu tava formado com os moleques da Caixa Baixa. Me mandou embora por justa causa. Sem porra nenhuma de indenização. Honestidade não compensa.

(MANTOVANI, 2001, p.69)

Quando começamos a dialogar sobre a juventude negra, pobre e brasileira, logo nos vem à cabeça o nosso cotidiano. O que mais vemos hoje em dia através dos documentários de televisão, telejornais, dentre outros, é a violência gerada contra este grupo juvenil nos mais diversos contextos sociais e étnico-racial. As pessoas culpam os jovens, como se eles fossem um problema social, como diz o ditado popular, “colhem o que plantam”.

No caso de Buscapé, morador da favela do Rio de Janeiro, apesar de fazer parte de uma comunidade vista como violenta e perigosa, ele tenta um emprego digno fora do seu lugar considerado o de pertença, na esperança de trabalhar dignamente para conseguir alcançar seus sonhos, naquele momento, era ter uma máquina fotográfica melhor. Mas,

diante o fato do roubo praticado no mesmo supermercado que ele trabalhava, por alguns moleques também moradores da mesma favela, Buscapé é chamado e demitido por justa causa, sem nem ter culpa do que aconteceu. A justificativa que encontramos, a partir da linguagem de signos os quais conseguimos interpretar daquela cena, é que simplesmente o dono tirou suas próprias conclusões acerca do ocorrido, associando o jovem ao roubo, pela mera coincidência de morarem no mesmo lugar e pelo preconceito étnico-racial por ele ser negro.

No fim da fala, o personagem diz: “honestidade não compensa”. Quantos jovens assim como Buscapé já passaram por isso e acabaram como ele, frustrados e determinados de que realmente seu lugar não é ali, realmente eles precisam ser bandidos para então serem de fato reconhecidos. A sociedade afeta a construção de identidade destes sujeitos, os quais passam a vida toda tentando sobreviver em meio a tanto preconceito e desigualdades. Em um país onde os governantes não fazem nada, não enxergam que estes mesmos jovens estão gritando por socorro.

Nas periferias existem os que não são bandidos, não querem participar do crime. Pessoas sonhadoras que lutam em meio às dificuldades para ter um futuro melhor, fazer uma faculdade, trabalhar, comprar uma casa, um carro... Dentro da favela existe cultura, artistas, quantos cantores escondidos ali por medo de se expressar, ou pela falta de oportunidade de se apresentar.... Temos até fotógrafo escondido, tirando fotos de amigos e bandidos, querendo apenas uma chance de brilhar.... Mas brilhar pelo seu talento.... Não pela sua cor.

2.2 Biografia do personagem Buscapé através de sua história contada no roteiro do filme Cidade de Deus

Começamos pela seguinte questão: afinal quem é Buscapé? Nosso recorte não é o personagem do filme, mas sim do roteiro, ou seja, “o jovem, que narra a história de sua própria vida”.

Percebemos que Buscapé, no primeiro recorte temporal, é um menino e na segunda parte já se apresenta como um rapaz de 16 anos, negro e morador da favela do Rio de Janeiro, Cidade de Deus. O personagem começa narrando a sua história a partir do momento o qual diz que não nasceu naquela comunidade, mas foi morar lá quando ainda era moleque e houve um desabamento habitacional nas casas onde morava, por

conta da chuva. Como não tinham condições financeiras, ele e sua família procuram ajuda dos governantes, segundo o jovem tinha a seguinte concepção:

“...não tem onde pôr? Manda pra Cidade de Deus”. (MANTOVANI, 2001, P. 9).

Assim começa a sua história na comunidade, um lugar de muita pobreza. Buscapé tinha mãe e pai. Seu pai era conhecido como Dito, trabalhava como peixeiro, vendendo peixes pelas ruas da favela para ganhar o sustento da família. O jovem também tinha um único irmão, o famoso Marreco, era o mais velho entre os dois, porém o que mais dava dor de cabeça para a família. Com a situação do lugar, a falta de emprego e a ambição, muitos dos jovens ali se dedicavam, desde cedo, ao crime, inclusive seu irmão, como narra Buscapé, achava que o pai não sabia, até que um dia o pegou de surpresa.

BUSCA-PÉ (V.O.)

E o destino do meu irmão Marreco,
ficou na mão do meu pai. Marreco leva uma
bofetada na cara.

(CONT.)

Câmera abre e revela DITO, pai de
Busca-Pé e Marreco. Ele tem um punhado de
notas na mão.

DITO

Tu pensa que eu não sei que foi tu que
deu esse dinheiro pro teu irmão? Dinheiro
sujo.

Dito atira as notas na cara de
Marreco.

Junto à pia, descascando batatas, aparentemente alheia a tudo, está a MÃE de Busca-Pé.

DITO (cont.)

Tu não tem vergonha na cara?
Marreco quer falar, mas Dito não deixa.

DITO (cont.)

Nem abre essa boca pra falar comigo. A partir de hoje tu vai trabalhar como eu. Tu vai vender peixe. E pra tu criar vergonha na cara, teu irmão, que é menor que tu, vai junto pra tomar conta. Busca-Pé, tu vai tomar conta do teu irmão. Se tu roubar de novo, Marreco, tu vai apanhar de cinta até sangrar. E tu também, Busca-Pé.

Busca-Pé olha feio para Marreco.

BUSCA-PÉ (V.O.)

O pior de ter irmão bandido, é que sempre sobra pra tu também. Honestidade não compensa. (MANTOVANI, 2001, Pp. 26,27).

O personagem era diferente do irmão, via o esforço dos pais, sonhava com uma vida melhor, em que não seria peixeiro, bandido e nem policial. O mesmo se descrevia como um moleque medroso com medo de tomar tiro.

Buscapé estudava em uma escola pública. Seu melhor amigo na favela era o Barbantinho, também não queria seguir a vida do crime. Segundo ele, o seu sonho era ser salva-vidas, já Buscapé relata que nesta época ainda não sabia o que seria um dia, até que foi surpreendido por um episódio dentro da favela...

Um FOTÓGRAFO meio sebooso, de jornal sensacionalista, abre espaço entre os curiosos e começa a fotografar a cena. Ele se abaixa para registrar a cena de outro ângulo. Neste momento, vemos que o menino Busca-Pé está ao lado do fotógrafo.

FOTÓGRAFO:

Chega um pouco pra lá, garoto.

O menino Busca-Pé fica maravilhado com a câmera fotográfica (MANTOVANI, 2001, P. 39)

Buscapé então diz que a partir daquele momento ele sonhou em ter uma câmera daquelas. Cresceu com esse objetivo, pois como não tinha condições favoráveis para adquirir uma boa, sabia que teria que ir devagar. Com muito custo, ele narra que conseguiu comprar uma “tipo xereta”, que segundo ele era

“a câmera mais vagabunda do mundo”.
(MANTOVANI, 2001, P. 40).

Buscapé treinava com a câmera tirando fotos de seus amigos, muitas vezes na praia em que passavam depois da escola. Ele se considerava o fotógrafo oficial da “turma dos cocotas”, o nome escolhido para definir o grupo de amigos.

Neste momento, percebemos que dentro deste grupo havia uma musa inspiradora, Angélica, o nome da personagem. Garota linda, sexy e branca. Namorava com um rapaz branco, o qual também fazia parte deste ciclo de amizade, mas mesmo assim Buscapé não disfarça e conseguimos imaginar, através dos signos expressos nas cenas, que ele está apaixonado por ela.

BUSCA-PÉ (V.O)

Ai, Angélica... Como eu era louco por ela. Todo mundo sabia que ela, além de

linda, era a única cocota que transava. E eu tava louco para perder a virgindade com ela.

(MANTOVANI, 2001, P.41).

Buscapé estava tão disposto a conquista-la que se dispôs até a buscar um catrancio para ela na favela, só para ganhar um beijinho.

BUSCA-PÉ (V.O.) (CONT.)

Naquele momento, eu senti que faria qualquer negócio pra agradar aquela mina... Comprar fumo, comprar pó... Qualquer coisa... (MANTOVANI, 2001, pg. 43).

Mas, como nem tudo na vida são flores... Além de não conseguir conquista-la e nem perder sua virgindade, Buscapé correu o maior risco de ter sido morto lá na boca do neguinho, como diziam, onde foi buscar a maconha para Angélica, pois naquele momento Zé pequeno estava tomando todas as bocas para ele... Nesta altura, Zé pequeno já havia se tornado o maior bandido da Cidade de Deus e inclusive havia matado o irmão de Buscapé, o Marreco.

BUSCA-PÉ

Zé Pequeno sempre quis ser o dono da Cidade de Deus. Desde os tempos de moleque, quando ele ainda se chamava Dadinho...

(MANTOVANI, 2001, P. 48).

Buscapé transparece o desejo que tinha de se vingar dele pela morte de seu irmão, mas o seu medo era muito maior. Buscapé tinha convicção de que o crime não compensava. Ele queria ser um rapaz digno, trabalhador. Porém, não escondia as suas várias frustrações e desânimo pelas faltas de oportunidade e as discriminações sofridas por ser negro e morador de favela. Por algumas vezes, até tentou ser o que a sociedade queria que ele fosse, um bandido igual Zé pequeno, porque ele acreditava que todo mundo

achava que neguinho da periferia era tudo igual... tudo bandido. Mas, diante das tentativas, tinha cada vez mais a convicção de que ele era diferente.

E foi diante de uma guerra entre as facções de Cenoura, um bandido da favela, e Zé pequeno, que Buscapé narra ter conseguido colocar sua vida nos eixos. Depois de ter tirado algumas fotos a pedido de Pequeno, do grupo de traficantes, segurando armas, que sua carreira de fotógrafo começou a nascer. Porém teve seus momentos de susto.

BARBANTINHO:

Caralho! Olha o Zé Pequeno no jornal!

Busca-Pé olha e reconhece a foto que ele tirou dos bandidos. Sobre ela a manchete: TRAFICANTES DA CIDADE DE DEUS USAM ARMAS DO EXÉRCITO.

BUSCA-PÉ:

Putaquepariu! Ele vai me matar!

(MONTONANI, 2001, P.104)

Buscapé estava tão feliz e avoado com tudo e não percebeu ao revelar as fotos para os bandidos, uma jornalista aproveitou e pegou uma de suas fotos. Para ele, aquela manchete seria seu fim, mas foi apenas o começo de muitas conquistas.

Recebeu uma proposta de emprego para trabalhar no jornal, começou a ganhar seu dinheiro, para em troca trazer, aos jornalistas, fotos dos bandidos. Com um pouco de receio da reação dos bandidos, ele se esquivou, mas logo viu que era uma oportunidade irrecusável.

Naquele mesmo dia, Buscapé dormiu na casa de Marina, a jornalista da redação, a química bateu e ele deixou de ser virgem.

Mas, a sua história não acaba por aí. Infelizmente, a guerra na Cidade de Deus continuava e no dia em que Buscapé narra achar que seria o fim do maior bandido da favela, ele sai correndo no meio dos tiros para não perder a oportunidade de fazer seu clique. É nesse momento que ele descobre e retrata com a câmera, uma cena, infelizmente representando a corrupção do nosso Brasil. Um policial fica frente a frente com Zé

Pequeno, mas ao invés de o prender se vende por alguns dólares e solta o bandido novamente na favela. Buscapé narra ter fotografado cada detalhe.

BUSCA-PÉ:

Se entregar essa foto pro jornal, eu consigo o emprego e saio fora daqui pra sempre. Mas se eu entregar essa outra aqui... Aí, cara, eu vou conseguir muito mais. Eu vou conseguir prestígio, vou ganhar uma puta grana, vou ficar famoso...

BARBANTINHO:

Mas se essa foto sai no jornal, o Touro, mais cedo ou mais tarde, vai te encontrar...

BUSCA-PÉ:

O que que eu faço?

PRIMEIRA PÁGINA DE JORNAL

A câmera se afasta do rosto de Pequeno, mostrando que a imagem do bandido morto numa foto de primeira página de jornal. No crédito da foto lemos: FOTO: BUSCA-PÉ. E a manchete: MORRE O DONO DA CIDADE DE DEUS

(MONTOVANI, 2001, P 116.)

Às vezes, a verdade pode custar sua vida... Buscapé não quis arriscar... preferiu aproveitar a oportunidade e conseguir seu prestígio de jovem negro da favela, que conseguiu o maior furo de reportagem dos últimos tempos.

2.3 A Crise de Identidade na Sociedade Contemporânea e como ela Afeta em Específico o Coletivo de Jovens Periféricos

Stuart Hall distingue três concepções de identidade do ser humano: o sujeito do Iluminismo, que é o “indivíduo centrado e dotado de capacidades de razão”; o sujeito sociológico, presente no mundo moderno e que não é independente, pois se forma pela relação que estabelece com os outros; e o sujeito pós-moderno, o qual não possui uma “identidade fixa, promovendo assim esse debate em torno da crise de identidade” (HALL, 2006, p. 10-12).

Assumimos, aqui, a concepção que ele traz de sujeito pós-moderno, pois, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2006, p. 12).

Não existe mais aquela concepção a qual dizia que identidade remetia à ideia de algo sólido, construída através de um lugar, de uma história. Segundo Dubar (2006, p. 5):

(...) as identidades pessoais é a consequência de uma profunda mutação produzida em três importantes domínios da vida social: mutação das relações de gênero e transformações profundas na instituição familiar, mutações tanto do trabalho e do emprego como do mundo da formação e da escolarização, mutação do Estado-Nação e das suas instituições, bem como da própria legitimidade da democracia representativa.

A causa disto se dá porque em determinados momentos da vida, o sujeito se depara com a necessidade da construção de uma identidade social compatível com o ambiente em que ele vive.

Hoje, por exemplo, para se encaixar em uma vaga de emprego é necessário mais que um currículo, é preciso assumir uma determinada identidade que atenda às regras da empresa. No âmbito familiar, muitas vezes, os conflitos, como o divórcio, um fato muito recorrente da contemporaneidade, e afeta ainda mais a juventude, faz com que o jovem se sinta perdido com tal situação, sem conseguir definir qual postura tomar, precisando adquirir uma outra identidade para lidar com seus problemas particulares (Dubar, 2006).

Com todas estas crises e processo de mutação, fica difícil assumir uma identidade concreta, e isto deixa os jovens fragilizados e expostos a outros fatores os quais também fazem parte destes processos, interferindo na busca de si, como a globalização, uma forte fonte influenciadora nas mudanças em curso que afetam o universo social e psíquico,

principalmente dos jovens. Quanto mais a globalização avança mais ela toma o tempo e o espaço na vida das pessoas, conseqüentemente, “modifica” culturas e tudo aquilo que antes era considerado como fixo.

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de "identidades partilhadas"- como "consumidores" para os mesmos bens, "clientes" para os mesmos serviços, "públicos" para as mesmas mensagens e imagens - entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 2006, P. 74).

As mídias como televisão, cinema, internet e várias outras que fazem parte das nossas vidas contribuem para essa construção de identidade representativa, influenciada pelas pessoas, tanto em seus comportamentos diferentes, quanto em seus estilos, ou seja, pelo vestuário, ou pelas ambições materiais e profissionais, lugares, etc.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente" (HALL, 2006, P. 75, 76).

Esse sentimento de idealizações mostra que a juventude, em específico, se torna cada dia mais um alvo destas mídias. E assim, “... não são vistos com bons olhos, a mídia coopera para pensamento social que os caracteriza como aqueles que não ligam para os problemas do mundo contemporâneo e só querem aproveitar a vida” (DAL PRÁ, NUNES, SANTOLIN 2018, p. 5).

Ao tentar mudar esta realidade, eles se colocam a viver, como indivíduos - trajetórias, que vivem querendo alcançar a perfeição para se encaixar dentro do seu grupo, mas quando se frustram, acaba acarretando uma mistura de sensações de insuficiência, em que o tempo todo se cobram por não estarem à altura do exigido. O que traz conseqüências gravíssimas para sua vida.

A impressão dominante é de «sofrer de si próprio»: não dum conflito actual ou arcaico do enfraquecimento do Eu, duma diminuição ou desabamento da estima de si, em primeiro lugar e sobretudo «aos seus

próprios olhos». A vida torna-se Cinzenta e, por vezes, fica negra (DUBAR, 2006, P. 142).

O coletivo de jovens periféricos presentes na trama do filme Cidade de Deus, apresentado a nós a partir das narrativas de Buscapé, no roteiro, é um exemplo de grupo juvenil que nos remete uma ideia de viverem uma vida “negra e cinzenta”. Excluídos da sociedade, eles precisam encontrar sempre uma maneira para sobreviver em meio a uma comunidade chamada periferia. Sabemos que na maioria das sociedades esses lugares são taxados pela pobreza, sujeira, negros, marginais, traficantes, bandidos, baderneiros, etc. Estas são as “identidades” que o próprio senso comum cria desses indivíduos, pertencentes a este ambiente social, principalmente dos jovens ali presentes. O jovem da favela parece apresentar tudo de pior que a condição humana encerra.

Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos “adultos”, no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos “problemas sociais”, como violência, crime, exploração sexual, drogação, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas. (ABRAMOVAY, 1997, P. 75).

A ideia que remete é a de os jovens de favela são considerados não-cidadãos, pessoas que precisam ser combatidas por apresentarem risco, perigo à sociedade. Esta construção estereotipada das favelas, dos jovens que ali vivem, acaba contribuindo para um processo histórico de abandono e descaso cada vez maior para a comunidade, quanto para as pessoas que dependem daquele lugar para sobreviver.

Um exemplo disto é a descrição e a realidade apresentada pelas narrativas de Buscapé, através do roteiro, sobre a favela do Rio de Janeiro, Cidade de Deus.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Quando eu cheguei na Cidade de Deus,
eu era ainda moleque. E a minha família era
como todas as outras que tavam se mudando
pra lá: a gente tinha ficado sem casa por
causa das enchentes... E a filosofia do
governo naquela época consistia no seguinte
raciocínio: não tem onde pôr? Manda pra
Cidade de Deus!

(MANTOVANI, 2001, p.9)

Essa fala do personagem nos mostra a falta de interesse das autoridades com o local de moradia, a favela, e como às vezes, nos tornamos participantes de um lugar, por não termos o poder de escolha. A ideia é de que estes grupos não têm futuro, por isso, não necessitam de investimentos, senão aqueles voltados para seu controle social. E tudo isso exposto serve como influências para que desde cedo já assumam uma suposta construção de identidade para os meios de sobrevivência, resultando em dificuldades para trilharem sua vida. Deste modo:

Estas provações de rupturas constituem experiências vitais, existenciais que chocam de frente com o antigo «modelo da instalação», do acesso à «estabilidade», da continuidade do ciclo de vida, à idade «adulta»⁴. Elas perturbam, por vezes de forma profunda, uma crença antiga, senão mesmo ancestral: a da aprendizagem definitiva, cumulativa, linear e específica nas primeiras idades, seguida da estabilização na idade adulta (com a esperança duma progressão sem mudança). Cada vez mais pessoas, na idade adulta, são confrontadas com a necessidade de mudar (de emprego, de casa, de parceiro, de modo de vida...). Ora, toda a mudança é geradora de «pequenas crises»: é necessário um «trabalho sobre si», uma modificação de certos hábitos, uma perturbação das rotinas anteriores. É preciso aprender outra vez, às vezes recomeçar do zero (DUBAR, 2006, P. 143).

A questão de o personagem, desde criança, passar por essas adversidades, já contribui para que ele chegue à vida adulta com mais instabilidade para enfrentar problemas, tomar decisões, ter responsabilidades e saber conduzir a vida e construir uma identidade própria, pautada em si mesmo e não no olhar do outro.

Maffesoli (1988) traz a questão de que tudo isto contribui para a concepção de pessoa, (persona), que só existe na relação com outro, porém não na questão de se construir a partir do outro, mas sim de participar de um determinado grupo o qual me identifico.

Ao se sentirem excluídos do mundo, os jovens periféricos procuram, dentro da própria comunidade, os grupos que eles sentem afinidades. Às vezes, pelos mesmos pensamentos, gostos, vestuário, linguagem, ou até mesmo por se encaixarem e se sentirem protegidos. Mas, ao mesmo tempo, esse agrupamento é um lugar fluido, incerto, onde não vivem o tempo vivido como processo histórico, mas uma sucessão de presentes.

Como os jovens de periferia, o personagem Buscapé pode recomeçar do zero, e construir uma perspectiva de futuro diferente, conseguindo superar todas as crises de identidade e se enxergarem com outros olhos, outras perspectivas, se o que eles presenciam em seu lugar de pertença, que é a favela, é a violência, o tráfico, se a sociedade na qual eles estão inseridos contribui apenas para sua desconstrução como humano?

Penso que toda essa visibilidade do senso comum e das mídias acaba influenciando nesta construção dos sujeitos, não no intuito de fazer deste sujeito um homem melhor, mas sim para torna-lo pertencente à realidade, que a sociedade escolheu para eles, de criminosos, traficantes. É como se estas fossem suas únicas escolhas de vida, o único meio de se tornar alguém, para eles e para a sociedade.

No roteiro, Buscapé nos leva a perceber que ele sonha em ser um indivíduo diferente daqueles com os quais ele convive.

BUSCA-PÉ:

Barbantino, tu vai querer ser o que
quando crescer?

BARBANTINHO:

Eu...

BARBANTINHO:

Tu acha que eu vou conseguir ser
salva-vidas que nem meu pai?

BUSCA-PÉ:

Sei lá...

BARBANTINHO

É... Ser salva-vidas é mais difícil
que ser peixeiro que nem o seu pai.

BUSCA-PÉ:

Quem disse que eu quero ser peixeiro?
Peixeiro fede.

BARBANTINHO:

E tu quer ser o quê?

BUSCA-PÉ:

Sei lá... Trabalhar de bandido que nem
meu irmão, eu não quero. Nem de polícia.
Tenho medo de tomar tiro...

(MANTOVANI, 2001, P. 9, 10,)

Buscapé não se identifica com o grupo de pertença do qual ele faz parte. Porém, sentimos a dúvida durante o diálogo, dos amigos, pois eles também não sabem o que serão no futuro. Essas incertezas e dúvidas, geradas também por conta da mudança da adolescência para a vida adulta, contribui para o indivíduo não conseguir obter uma personalidade particular construída por ele próprio, sem influência do lugar e do grupo em que está inserido.

A juventude se encontra “perdida” em meio a um lugar onde a todo momento precisam assumir papéis como se fossem personagens para se representarem perante as demandas de sua vida. Assim, começam a se distinguirem do outro, criando uma identidade pessoal para si, que Dubar (2006) chamou de processo biográfico; e uma para outro, que ele chamou de processo relacional. Porém, não dá para separar esta dualidade, em razão de a identidade pessoal precisar ser reconhecida e confirmada pelos outros.

Delory-Momberger (2012) nos diz que os jovens estão em uma fase de transição considerada acumulada, por conta da mudança da adolescência para a vida adulta, o que gera para esses sujeitos uma dificuldade maior de assumir a condição biográfica como uma narrativa de história de vida, e passa a ser apenas uma narrativa de si em meio a uma sociedade individualizada, complexa e heterogênea.

O individualismo é, assim, uma produção da evolução societal: nas sociedades tradicionais, o indivíduo é identificado e se identifica, ele mesmo, pelo lugar e pelo papel que ocupa dentro do grupo; ele não reivindica nenhuma particularidade de ordem subjetiva que o isolaria e o tornaria singular ao seu grupo de pertença e introduziria uma distância entre ele próprio e seu papel (Delory-Momberger, 2012, p. 10).

O que ocorre é que o indivíduo não consegue obter uma personalidade particular construída por ele próprio sem influência do lugar e do grupo em que está inserido. Dubar (2006) ressalta que as crises, os processos de mutação sempre existiram, mas que a sociedade contemporânea não consegue superar e enfrenta-las, e que “é de facto a crise que revela o sujeito a ele próprio, o obriga a reflectir, a mudar, a lutar para «a superar» e a inventar-se a si próprio, com os outros” (Dubar, 2006, p. 96).

Considerações parciais

O capítulo II teve como objetivo, apresentar aos leitores o personagem principal desta pesquisa, o Buscapé, bem como alguns personagens secundários, na trama histórica de vida de Buscapé. Através do roteiro, podemos nos imaginar sentados com um personagem “vivo”, que está bem a nossa frente nos concedendo uma entrevista. Buscapé não deixa escapar nem um detalhe sobre sua vida e será a partir destes que a nossa análise surgirá, no terceiro capítulo.

Atentamos em trazer um debate sobre as juventudes/ juventude negras, pois como a história do jovem Buscapé nos mostra a luta, superações, frustrações e realizações, ele não é o único a enfrentar tudo isso, pois a juventude não existe no individual, mas sim no plural, no coletivo e mesmo que a nossa sociedade queira padroniza-los como sendo um, não conseguem, pois a juventude se divide por classes, por raça, pela cor. Há vários jovens negros perdidos dentro da favela como Buscapé, esperando uma oportunidade de serem vistos pelo que são, não pela violência, não pela cor.

Sem contar que essa luta diária vivida por eles é para fazer parte da sociedade e cada vez mais, os desalojam de suas verdadeiras identidades, causando assim construções de personalidades crescentemente mais distantes de si.

No capítulo III, aprofundaremos este assunto da construção de si, através das análises da experiência de biografização do personagem Buscapé, através das narrativas do roteiro do filme Cidade de Deus. Desta forma, serão criadas categorias de análise pautadas nas concepções de Bardin (1997), para nos auxiliar a encontrar tais respostas.

CAPITULO III

PROCESSOS CONSTRUTIVOS E BIOGRÁFICOS DE BUSCAPÉ ATRAVÉS DE SUAS NARRATIVAS PRESENTES NO ROTEIRO DO FILME CIDADE DE DEUS

O objetivo deste capítulo foi compreender a experiência biográfica do personagem Buscapé, a partir do roteiro do filme Cidade de Deus. Para tanto, utilizamos a concepção de análise de conteúdo abordada pela autora Laurence Bardin.

A análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações, visando analisar o que foi ouvido durante as entrevistas ou observado pelo pesquisador. No nosso caso, as análises partiram das narrativas do personagem Buscapé através do roteiro do filme Cidade de Deus.

Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos. O caminho percorrido pela análise de conteúdo, ao longo dos anos, perpassa diversas fontes de dados, como: notícias de jornais, discursos políticos, cartas, anúncios publicitários, relatórios oficiais, entrevistas, vídeos, filmes, fotografias, revistas, relatos autobiográficos, entre outros (FOSSÁ E SILVA, 2015, P.4).

Bardin (1977) destaca a importância do rigor na utilização da análise de conteúdo. Devemos, como pesquisadores, ficarmos atentos às incertezas para não nos equivocarmos e só assim descobrir o que é questionado.

A escolha das categorias foi feita de acordo com a forma prevista por Bardin (1977), seguindo as seguintes etapas: no primeiro momento, nos atentamos em fazer uma leitura fluente de todo o roteiro, explorando todo material, utilizando a ferramenta de codificação, feita a partir do contexto do próprio roteiro, através dos elementos principais por nós coletados, que dão sentido à trama, como: a favela, as juventudes, a crítica à sociedade e as narrativas de Buscapé sobre sua própria vida.

Para tanto, tendo em vista o objetivo deste capítulo, criamos as seguintes categorias, enumeradas de acordo com a ordem de coerência das discussões aqui apresentadas.

1. Identificação de Buscapé com o grupo de pertença;

2. As narrativas de Buscapé: seu comportamento, atitudes e vivências com o mundo que o cerca...
3. Sociedade contemporânea e a exclusão dos jovens periféricos.

3.1 Categoria: Identificação de Buscapé com o Grupo de Pertença.

A todo momento, os jovens estão em busca de personalidades pautadas no estilo de roupa que vestem, nas músicas que ouvem, nos lugares onde frequentam e até mesmo no grupo social e cultural que estão inseridos. Cada cultura juvenil procura uma forma de se inserir na sociedade para se expressarem e se identificarem.

Maffesoli (1988) nos traz a questão de que na busca por se encontrarem, acharem afinidades que talvez os definam, os jovens saem à procura de grupos que compartilham dos mesmos gostos, das mesmas emoções, o que o autor chama de neotribos urbanas.

[...] o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. E é assim que podemos descrever o espetáculo da rua nas megalópoles modernas. O adepto do jogging, o punk, o look retrô, os “gente-bem”, os animadores públicos, nos convidam a um incessante travelling. [...] essas “condensações instantâneas”, tão frágeis, mas que, no seu momento, são objeto de forte envolvimento emocional (MAFFESOLI, 1998, p.107).

Desta forma, cria-se uma variedade de tribos, pois em um determinado momento representa para estes sujeitos um lugar familiar onde se encaixam, se sentem protegidos, mas, ao mesmo tempo, é um lugar fluido, incerto, onde não vivem o tempo vivido como processo histórico, mas uma sucessão de presentes.

Vemos muitos destes grupos dentro da nossa sociedade contemporânea, como por exemplo: os góticos, fankeiros, skatistas, hip hop, os chamados playboy, as patricinhas, dentre vários outros. Porém, o meu intuito é destacar um grupo específico, os jovens de comunidade periférica, presentes no roteiro do filme Cidade de Deus, e que possuem destaque nas narrativas do personagem Buscapé.

No roteiro, percebi algumas distinções de grupos. Porém, também encontrei semelhanças, como a questão da cor e da pobreza, praticamente todos os jovens protagonistas do filme são negros. Então, o primeiro destaque é que eles se distinguem por conta da sua cor, já formando uma tribo específica, assim como pela classe social que eles possuem naquela comunidade. Aqui eu posso dizer que todos citados no roteiro,

inclusive o personagem Buscapé, Barbantinho, trio ternura (Alicate, Marreco e Cabeleira), Zé pequeno, se sentem pertencentes a este, todos acham que seu lugar é na favela e a falta de oportunidades fora dela advém do preconceito que as pessoas possuem do lugar e de sua cor.

Touro dá um comando para os 3
policiais.

TOURO:

Vocês vão por esse lado aí. Corre, que
eles devem de tá perto.

Os 3 policiais se separam de Touro e
Cabeção.

CABEÇÃO:

Os caras levaram a maior grana lá do
motel. A gente pode meter a mão nisso aí.

TOURO:

Eu me contento de enche esses crioulos
filho da puta de bala.

CABEÇÃO:

Tu tá invocado comigo? Tu tá pensando
que eu sou ladrão, é? Desde quando tirar
dinheiro de nego ladrão é crime?

TOURO:

Não é isso, não.

Os policiais param e se sentam bem
debaixo de uma enorme FIGUEIRA, cujo

aspecto é sinistro. Cabeção tira um baseado do bolso. Acende.

TOURO: (CONT.)

Aí, não conta pra ninguém: a filha da puta da minha mulher foi embora.

CABEÇÃO:

Tu tá brincando?

TOURO:

E a merda é que ela fica pedindo dinheiro pra tudo.

(MANTOVANI, 2001, P.20).

O segundo grupo que se faz presente naquele contexto é os dos “maconheiros”, ou seja, aqueles que se reúnem para fumar um cigarro da erva, considerada como um tipo de droga. O uso da maconha se mostra comum entre os jovens da trama. Buscapé, durante suas sessões de fotos na praia com seu grupo, os “cocotas”, demonstrava o seu gosto pelo uso da droga. Era um momento de relaxar com os amigos.

Busca-Pé comprando droga de Sandro Cenoura.

BUSCA-PÉ: (V.O. cont.)

Cada vez que eu queria fumar um baseado, eu tinha que subir até a Quinze, na boca do Sandro Cenoura.

Busca-Pé correndo pela rua ansioso.

BUSCA-PÉ: (V. O. cont.)

Mas o sacrifício valia a pena porque eu só fumava...

(MANTOVANI, 2001, P.56).

Buscapé, apesar de sentir parte deste grupo, deixa claro que sua opção era apenas pelo bom baseado de maconha, pois ali no grupo dos “cocotas” havia o Thiago (menino branco), um amigo dele que já tinha preferência pela cocaína e vivia cheirando pó.

O terceiro é o grupo dos chamados “bandidos”, esse faz parte de toda a trama, que são as gangues formadas por jovens considerados assassinos, ladrões e traficantes de droga, conhecidos lá como “os donos da favela”. Buscapé retrata bem estes indivíduos durante suas narrativas, dá para compreender que tinha alguém querendo ser a autoridade ou até mesmo o dono da Cidade de Deus e o primeiro grupo a tentar alcançar esse lugar foi o trio ternura.

BUSCA-PÉ: (V.O.)

Cabeleira era o cara que mandava no
Trio Ternura.

E o Trio Ternura era ele mais o
Alicate e o...

(pausa, tom triste) Marreco...

Cabeleira dá um tiro para o alto.

CABELEIRA:

Todo mundo parado aí! O primeiro que
se mexê leva bala!

MARRECO:

E hoje tem gás de graça pra todo
mundo.

Os moradores dão vivas.

(MONTOVANI, 2001, P.7).

O trio ternura era mais um grupo de bandidos amador, eles ameaçavam, mas não eram de matar ninguém, o negócio deles era os assaltos e roubos e geralmente dividiam

com os moradores. Assim, não duraram muito, e um outro grupo acabou assumindo o controle e a bandidagem da Cidade de Deus.

BUSCA-PÉ: (V.O. cont.)

O problema era encontrar algum bicho-solto que mandasse no pedaço;

Marreco chega esbaforido.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

Como o meu irmão... o Marreco.

MARRECO:

Passa essa grana aí que eu preciso fugir.

DADINHO:

A grana é nossa.

Marreco dá um tapa na cara de Dadinho e arranca o dinheiro dele.

MARRECO:

Mandei passar a grana, moleque..

Marreco sai correndo e começa a se afastar, quando ouve a voz de Dadinho.

DADINHO:

Aí, meu cumpádi! Tem um outro negócio aqui pra tu levar...

Marreco se vira, e se espanta.

Dadinho aponta uma arma na direção dele. Marreco tenta fugir, mas é baleado

nas costas. Dadinho vai até Marreco, que se contorce de dor.

Dadinho descarrega a arma no bandido ferido, dando sua risada característica.

FUSÕES SUCESSIVAS mostram Dadinho, na mesma posição, atirando e rindo, ficando MAIS VELHO, até chegar aos dezoito anos.

(MONTOVANI, 2001, P. 50).

Buscapé nos relata que Dadinho, depois de crescido, ficou conhecido como Zé pequeno, foi o bandido mais violento e respeitado da favela. Ele se tornou a autoridade ali dentro, mandava tanto nos bandidos como na população, qualquer problema ali tinha que ser passado para ele e assim resolvia a situação à sua maneira.

Como vimos, apesar de Marreco fazer parte deste mundo do crime, Buscapé não participava dos seus atos. Até tentou uma vez, juntamente com seu melhor amigo, Barbantinho, assaltar um ônibus e roubar uma lanchonete, mas não teve coragem. Esse mundo não era o que queriam para eles.

“Tem gente que pensa que pra quem nasce na favela é fácil pegar um berro e sair atirando.”

(MONTOVANI, 20021, p. 54).

Por fim, destaco o último grupo, chamado por mim de “mocinhos”, composto apenas por Buscapé e Barbantinho. Eles sonhavam em ter um futuro melhor, uma profissão digna, sem ter que matar ou traficar para viverem. Procuravam sua inserção fora da favela, mas ao mesmo tempo se identificavam com o lugar de pertença, ou seja, sabiam que mesmo tendo uma oportunidade de trabalhar fora da favela sempre seriam vistos com maus olhos por serem negros, pobres e moradores da Cidade de Deus e a sociedade sempre cobraria mais deles.

Pois bem, o que pretendo com esse destaque é mostrar que Buscapé se identifica com o seu lugar de pertença, pois durante suas narrativas não relatou nada sobre querer mudar seu jeito de ser, de vestir, seu cabelo, algo que o colocasse como um negro que

quisesse mudar para parecer um branco, por exemplo. Ele deixa claro que seu sonho era trabalhar com sua câmera fotográfica, não importava onde, tanto que no desfecho de sua história, o seu grande trabalho e reconhecimento só ocorre graças aos acontecimentos dentro da favela que chama atenção da sociedade do lado de fora. Porém, ele não possui semelhanças com todos os grupos juvenis, que na nossa observação se formaram ali dentro da favela e acima foram destacados. Deste modo, não se pode constatar que ele se identifica com seu grupo de pertença, mas sim com o seu lugar.

Logo, concordo com o autor, os jovens buscam o que ele chamou de tribos para se sentirem acolhidos dentro de uma “comunidade” julgada por eles como de pertença. Pois dentro da socialidade moderna, estes sujeitos precisam se comportar como personagens que precisam assumir a todo momento representações, papéis que os definam como o jovem profissional, o religioso, o estudante, o favelado. Sendo assim, assumem a todo momento, identidades instáveis para serem reconhecidos (MAFFESOLI, 1998).

3.2 Categoria: As narrativas de Buscapé: seu comportamento, atitudes e vivências com o mundo que o cerca...

Segundo Delory-Momberger (2012, p.524):

O objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência.

A atividade biográfica não fica apenas restrita a fontes históricas escritas, orais, visuais, mas também através dos comportamentos e atitudes mentais que o indivíduo assume no seu dia a dia e com o mundo que o cerca.

Levando em consideração esta concepção biográfica, para compreendermos a experiência de biografização do personagem Buscapé, analisamos suas narrativas, considerando o tempo; espaço; lugar social; comportamento; vivências; atitudes narradas pelo mesmo através do roteiro, pois, “através da narrativa, aprende-se a analisar a realidade, a organizar e a compreender o mundo no qual se vive, tanto o mundo natural quanto o mundo social” (Delory-Momberger, 2012, p. 36).

A própria existência do ser humano em si já encadeia a ele viver “cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, de uma vida” (Delory-Momberger, 2012, p.525). Ou seja, vivenciamos coisas novas a todo instante e estas coisas chegam em nossas vidas como um episódio, que possui início, meio e fim, com isso encadeia em nós uma série de sentimentos indefinidos, como provações, provocações, o que acaba nos propiciando experiências que fazem parte da construção de quem somos e de nossa história.

Começamos então a falar das experiências de Buscapé. A primeira percepção que conseguimos ter, fazendo a leitura de todo roteiro, é que para dar início à sua história, ele recorre às suas memórias do passado. Segundo Delory-Mombeger (2008), a volta ao passado é necessária, pois através do resgate de memórias conseguimos nos apropriar de nossas histórias e fazer um balanço de quem éramos, quem somos e quem queremos ser.

O personagem nos convida a fazer esta trajetória com ele, pois da maneira narrada, seguimos imaginando tudo que ele passou e enfrentou para se tornar o jovem Buscapé cheio de sonhos, sonhava em ser um jovem diferente dos demais, ele próprio destaca que convivia ali com ele, inclusive coloca como exemplo o irmão, que não tinha nenhuma perspectiva de vida de futuro, a não ser o de se aceitar como bandido, seguindo os passos da maioria que residia na favela.

“BUSCA-PÉ:

... Trabalhar de bandido que nem meu
irmão, eu não quero.”

(Mantovani, 2001, p. 10).

A volta ao passado de Buscapé se inicia quando ele começa a relatar como foi sua infância. Ele retorna aos anos 1960, vê a necessidade de explicitar que ele não nasceu dentro da Cidade de Deus, mas por conta das baixas condições e a falta de ajuda por parte dos governantes, não tiveram opção, a não ser ir morar nesta comunidade.

“BUSCA-PÉ: (V.O.)

Na Cidade de Deus, não dá pra saber o
que é pior: encarar os bandidos ou a
polícia. É um banguê-banguê sem mocinho. E

sempre foi assim... Desde que eu..."
(Mantovani, 2001, p. 4).

Ele começa a reconstruir o passado nos mostrando a realidade vivenciava ali dentro do seu lugar de pertença e também com o próprio grupo (já apresentado nesta pesquisa), que precisaram ter suas identidades e estórias reveladas, para que a própria estória de Buscapé tivesse sentido.

Sem perspectivas de mudar-se para um lugar mais tranquilo, por conta do desemprego e exclusão social da sociedade, é obrigado a acostumar a vivenciar todas as guerras, mortes e disputas pelo tráfico.

"BUSCA-PÉ: (V.O. cont.)
Muito malandro já chegou na Cidade de Deus com experiência ou com disposição pra bandidagem..."
(MANTOVANI, 2001, P. 4).

Porém, Buscapé desde a infância não sentia que possuía vocação para o crime, almejando sempre ter uma profissão diferente da que ele conhecia à sua volta, como bandido, policial e peixeiro (profissão do seu pai). Na verdade, ele almejava comprar uma máquina fotográfica e se tornar um fotógrafo.

BUSCA-PÉ: (V.O.)
Tudo de que eu me lembro do dia da morte do Cabeleira é uma confusão de gente...
E uma câmera fotográfica...
(MANTOVANI, 2001, P. 39)

Mas, como nada nessa vida é fácil, principalmente para o jovem negro da favela, diante das frustrações com o mundo que o cerca, nas questões da falta de oportunidade, da discriminação e do preconceito, teve por algumas vezes sua identidade fragmentada, ou seja, ficava em dúvida quanto ao seu jeito de ser, menino estudioso, bom, tinha vontade de trabalhar...estaria ele fazendo a coisa certa, sonhando com um mundo diferente de sua

realidade? Para quê ser bom se ninguém o enxergava como um ser humano e sim como o morador da favela, o jovem bandido, violento, o ladrão? E foi com estes pensamentos que Buscapé tentou se reverter a bandido, pelo não reconhecimento de cidadão pela sociedade, decidindo tentar a vida como os outros jovens que ganhavam dinheiro fácil, tentando, tornar-se assaltante.

BUSCA-PÉ: (V.O.)

Eu arrumei emprego de fiscal numa loja do Makro, bem longe da Cidade de Deus.

Trabalhei lá um tempão, ganhando mixaria.

Eu já tava torcendo para eles me mandar embora e com a grana da indenização e comprar uma máquina fotográfica de verdade.

Mas não foi bem assim que as coisas aconteceram...

BUSCA-PÉ: (V.O. cont.)

O filho da puta do gerente achou que eu tava formado com os moleques da Caixa Baixa.

Me mandou embora por justa causa.

Sem porra nenhuma de indenização.

Honestidade não compensa.

(Montovani, 2001, p.69).

Mas, esse caminho do crime realmente não fazia parte do jovem que ele queria ser. Desta forma, sua empreitada no crime não teve nenhum sucesso. Mas, serviu de experiência para que ele tivesse a certeza de que a bandidagem não era para ele.

Para Souza (2006, p.16),

“o conhecimento de si propiciado pelas narrativas inscreve-se como um processo de formação porque remete o sujeito numa pluralidade sincrônica e diacrônica de sua existência”. Percebo que, ao se contar

para si e para o outro, apresenta-se um caminho fecundo de construção da própria existência, que vai da trajetória de vida pessoal para a profissional na qual é possível de se reconhecer e de se reinventar.

A maneira que Buscapé vai narrando suas trajetórias segue nos mostrando tudo que ele passou serviu para ele repensar sua identidade, por várias vezes, durante o processo de volta ao passado, para o hoje e a busca pelo futuro, faz com que ele a desmonte, avaliando suas condutas as quais cada vez mais o aproximava do seu verdadeiro eu.... Contar a história da favela, dos jovens, e ao mesmo tempo a sua, fez com que o personagem observasse também o seu comportamento mediante a todos os fatos por ele narrados.

Buscapé seguiu confiante de que todas as dificuldades e adversidades postas em seu caminho serviram para ele construir o Buscapé de hoje, o estudante, que morava na favela, mas queria ser honesto e trabalhar. Não se identificava com o grupo juvenil, acreditava que o crime era o único meio de sobrevivência deles, mas gostava de fumar sua maconha, com os seus amigos para relaxar, até mesmo porque:

o sujeito necessita realizar certos ritos da sociedade na qual está inserido. Neste contexto, não temos rito como seguimento religioso, ritos que parecem fazer parte do cotidiano jovem da periferia. Este comportamento também revela a confirmação de uma identidade. (Maia, 2007, p. 4).

Podemos então dizer sobre o fato de o personagem gostar de um “baseado”, só nos demonstra que o ser humano precisa participar de algo que faça sentir pertencente a um lugar social em razão de não se sentir sozinho. “Ele experiencia o outro face a face, convive, partilha espaço, ações, pensamentos e emoções, interagindo socialmente” (Maia, 2007, p. 5).

O convívio com o coletivo colabora para que o indivíduo faça um reconhecimento de si a partir das representações que faz dele próprio e de suas relações com os outros. Creio que ao aceitar a sua realidade, se distanciando apenas do que não era compatível com a sua verdadeira identidade, fez com que Buscapé abrisse as portas da sua vida e começasse a construir seu futuro, mesmo sabendo que para a sociedade externa ele nunca estaria a altura para ser reconhecido pelo seu esforço, ele teria sempre que se reinventar para fazer parte dela, mas ao mesmo tempo, sem deixar o lugar que ele sentia como sendo dele. A favela.

As experiências que ele viveu ali dentro sem dúvidas foram os fatores principais para a sua formação humana e construção da sua autoconfiança. A sua curiosidade e o olhar atento ao mundo à sua volta, fez com que ele não perdesse as oportunidades de colocar em prática tudo que almejava e que mais queria na vida, conquistar seu reconhecimento pelo talento que tinha com a câmera.

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao "ouvir" a si mesmo ou ao "ler" seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória (CUNHA, 1997, p. 186).

Então ele nos relata que enquanto a favela Cidade de Deus permanecia dominada pelos bandidos, no caso Zé Pequeno, ele ficava escondido observando a guerra à sua volta pela disputa de território... Enquanto muitos jovens, adolescentes e até crianças se matavam entre si, ele esperava o momento certo para dar seus cliques.

BUSCA-PÉ (V.O.):

Depois que Bené morreu, ninguém mais
podia segurar Zé Pequeno.

Ele tava decidido a matar o Cenoura e
quem mais fosse pra virar o único dono da
Cidade de Deus...

E quem é que ia se atrever a dizer
alguma coisa?

A Cidade de Deus tava condenada a ser
a favela do Zé Pequeno.

(MANTOVANI, 2001, P.84).

BUSCA-PÉ:

Putá que pariu! O que eu faço agora?

Pequeno e Thiago passam por Busca-Pé,
dando tiros.

Busca-Pé hesita um instante, mas logo
toma uma decisão.

BUSCA-PÉ:
Eu vou atrás deles.

BARBANTINHO:
Tu tá louco.

BUSCA-PÉ:
Acho que sim
(MANTOVANI, 2001, P.112).

E assim Buscapé começou a enfrentar os problemas que presenciava em seu dia a dia como uma forma de se beneficiar deles, pois a favela era excluída pela sociedade, e a maioria das pessoas tinham medo de chegar perto, ele mostrava que tinha coragem de fazer o que ninguém fora de lá tinha ... mostrar através das lentes de suas câmeras a realidade daquele lugar. Quase toda a realidade, porque a verdade mesmo ele não podia mostrar... como a exclusão social daquela população, a corrupção por parte dos policiais com os bandidos e a tamanha desigualdade social imposta ali, por parte dos governantes.

Creio que esses elementos apontados aqui durante toda a pesquisa, principalmente das condições precárias do lugar que Buscapé vivia e a despreocupação por parte da sociedade hodierna, é sua força de vontade de lutar pelo seu reconhecimento, foi o que deu uma significação às suas narrativas, nos fazendo enxergar que a partir das suas experiências adquiridas com as suas vivências, ele construiu a sua história de vida, nos mostrando o sentido da sua existência.

3.3 Categoria: A sociedade Contemporânea e a Exclusão dos Jovens

Durante a pesquisa, estivemos falando sobre a construção humana, como algo essencial na vida do ser humano, pois sabemos que diferentemente de outros animais, o ser humano tem uma função diferenciada, precisa se estabelecer no espaço geográfico, aprender a viver no mundo e conseqüentemente passar pelo processo de torna-se homem.

O indivíduo nasce incompleto e precisa se relacionar com as pessoas, ou seja, o mundo social e cultural que são fatores determinantes e de forte influência para esta primeira formação. Como já abordamos, essa educação informal é propiciada a eles ainda na infância e assim já são submetidos a aprender a socializar no primeiro momento que são apresentados ao mundo. Segundo Maia, (2007, p.5) em um primeiro momento a:

Família e escola detêm esta responsabilidade. Em uma segunda etapa, a da socialização secundária, temos a interiorização dos submundos institucionais através das atividades de subsistência, relacionadas ao trabalho. Neste momento, a criança apropria-se do que lhe é mostrado e passa a acreditar ser aquilo que dizem que ela é.

Na Cidade de Deus, desde crianças, os jovens vivem em condições precárias, sem nenhum respaldo sócio-político. A sociedade não se preocupa com a formação social que estes jovens recebem. Logo na infância são colocados a aprender a viver, construindo seus valores e formando seu caráter, a partir do que observam, ou seja, o medo, a violência, a matança, o tráfico de drogas e a ausência do olhar social. Tudo isso faz com que essas famílias se sintam deficientes na hora de encaminhar os filhos para o processo de autoformação, pois de acordo com que vimos nas narrativas de Buscapé, a preocupação de todos ali é se manter vivos. Tudo isso acarreta para uma construção de identidade fragmentada pela influência do lugar de pertença e do grupo que o cerca.

A narrativa de Buscapé nos coloca a refletir sobre isso quando ele fala dos seus tempos de garoto na favela, como era, como os jovens dali se comportavam e a postura que a maioria das crianças tinham ao presenciar os assaltos, as matanças. Ele relata que desde sempre tinha medo das cenas presenciadas, mas também destaca que algumas crianças já sonhavam em crescer e ser iguais aos jovens, os durões, os bandidos que tinham dinheiro e mais, almejavam ter com isso respeito.

BUSCA-PÉ: (V.O)

“Zé Pequeno sempre quis ser o dono da Cidade de Deus. Desde os tempos de moleque, quando ele ainda se chamava Dadinho...”

(Montovani, 2001, p. 50).

DADINHO: (OFF) (cont.)

Tu tá vendo o Cenoura?...

Tu tá vendo o Neguinho?..
O Sérgio Dezenove, Chevete, Jerry
Adriane, Espada Incerta...
Tu tá vendo tudo, esses cara de roupa
de marca e cheio de grana?

Voltamos para os dois.

Enquanto Dadinho fala, Bené fica
paquerando Mosca à distância, trocando
olhares.

DADINHO: (CONT.)

Tudo traficante, mermão!

Assaltar não tem futuro.

Se a gente queremos mandar na Cidade
de Deus, o negócio é vender droga.

A gente vamo tomar as boca-de-fumo de
todo mundo aqui, meu cumpádi.

E vamo começar a vender do branco, que
é isso que os playboy tão querendo.

(MONTOVANI, 2001, P.52).

Vemos que os jovens periféricos veem a sua realidade como arma indenitárias, que os coloca como os negros, pobres, para crescer na vida e ser respeitado precisam se aceitar como a maioria ali, bandido. Dadinho, mediante a esta fala, nos faz enxergar que possui o desejo de traficar para ganhar dinheiro, poder e possuir roupas de marca, ou seja, parecer com os famosos “Playboys” da sociedade, que possuem reconhecimento pelo seu status financeiro, enquanto o jovem periférico recebe o de não cidadão e são vistos como os jovens baderneiros.

Aqui, além do descaso e abandono com essa classe, a sociedade contemporânea acaba os instigando a ir cada vez mais longe, pois os coloca frente ao desejo de ficar a altura e conseguir seguir seus padrões.

Este modelo de sociedade é considerado um contribuinte para todas estas crises de identidades, que faz parte da vida das pessoas, principalmente da juventude. Delory-Momberger (2008, p.70) diz que a causa das crises indenitárias ocorre pela questão de a sociedade ser pautada no capitalismo e no individualismo social, fazendo com que os indivíduos tenham que conseguir se distinguir em meio a tantas funções que este modelo acarreta a eles. Ou seja, os indivíduos precisam assumir vários papéis específicos para darem conta de garantir suas posições sociais frente às demandas que a sociedade exige, fazendo desenvolver habilidades pessoais para agir e conseguir viver. Ainda na visão da autora, isso ocorre pela questão de a sociedade burguesa ser:

[...] fundada sobre o capital e a transformação do mundo pelo capital, não se define somente pelas relações de produção e de poder que instaura, mas também por meio de um conjunto de representações associadas à relação do indivíduo com a sociedade, que determinam uma estrutura particular da própria consciência. A visão do indivíduo que toma forma na sociedade burguesa é a de um ser responsável e autônomo que se constrói individualmente, que deve trilhar seu caminho na vida, que deve achar seu lugar na sociedade. Essa representação de um devir individual portador de transformação, integra as noções de concorrência, risco, luta pela vida e também um leque de possibilidades, alternativas e escolhas. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 338-339).

Hoje, cada indivíduo fica responsável por si mesmo. A juventude se torna menos preparada para lidar com toda essa realidade hodierna, pois as frustrações, as responsabilidades já se iniciam para eles desde muito cedo. As cobranças surgem a todo momento, dentro da família, da escola, as escolhas para o futuro, para o mercado de trabalho e até mesmo a falta de escolhas.

Essas vinculações de papéis acabam contribuindo para que o indivíduo faça construções de si pautadas nas representações que faz para lidar com sua vida, esquecendo assim de pensar em si próprio. Deste modo, constitui-se pelos projetos de vida que faz para a sociedade, e cada vez mais constrói uma narrativa de si distante da sua verdadeira essência. Delory-Mombeger (2008) nos leva a pensar que todas estas adversidades contribuem para uma outra percepção de biografia, ou seja:

A “biografia” não é mais, a partir de então, unicamente o feito de indivíduos que circunstâncias excepcionais ou talentos particulares situam acima do designo comum, subtraindo os do percurso coletivo: ela se impõe a todos como uma obrigação de individualidade e singularidade. A injunção da “vida própria” tem sua contrapartida num

imperativo biográfico o qual nos intima a sermos “donos e possuidores” da história de nossa vida (DELORY-MOMBEGER, 2008, PP. 77, 78).

Direciona cada um a trilhar um caminho, em que a responsabilidade de escolha do percurso a trilhar fica totalmente por conta do sujeito. O que esta sociedade não aceita é o sujeito ficar parado, ela exige que se tenha uma vida própria, construída por eles mesmos e não mais em coletivo.

Essa dimensão da subjetividade não pressupõe, absolutamente, o retorno de um sujeito atemporal e essencialista, livre e mestre de seus atos e de seus pensamentos (o sujeito da filosofia do sujeito); ela própria é socialmente construída e remete à autonomia relativa de um ator social a quem cabe experimentar os dispositivos de sua ação. De certo modo, o nível da decisão individual subiu um degrau na "pilotagem" da atividade social; da execução de ações programadas e de papéis estabelecidos, o ator social passou ao "comando" de um conjunto de lógicas possíveis e de soluções alternativas, a partir das quais deve desbravar seu próprio itinerário, orientando e adaptando sua “direção”. (DELORY-MOMBEGER, 2008, p.76).

Porém, este movimento de subjetivação da existência social, possui suas consequências. Esta autonomia nem sempre será vista como algo positivo para o sujeito, porque diante de algumas condutas a serem “escolhidas” ou tomadas, ele poderá se sentir confuso em relação à qual decisão tomar.

Como vimos no caso de Buscapé, por esse motivo nem todos possuem a compreensão de mundo que ele demonstrou possuir, pois não conseguem parar e fazer uma autorreflexão do mundo a sua volta e de sua postura dentro dele, não conseguem escrever a sua própria história e construir suas próprias experiências, pois já acreditam terem nascidos e condenados à marginalidade que a própria sociedade os colocou.

Considerações parciais

Este Capítulo teve como objetivo apresentar as análises feitas a partir das narrativas do personagem Buscapé a fim de compreendermos os seus processos construtivos e biográficos, corroborando para a sua construção humana. Mediante a isto, utilizamos a técnica de Bardin (1997) de análises de conteúdo, a fim de estipularmos algumas categorias que nos propiciasse tais respostas.

Sendo assim, construímos as seguintes:

1. Identificação de Buscapé com o grupo de pertença;

2. As narrativas de Buscapé: seu comportamento, atitudes e vivências com o mundo que o cerca...

3. Sociedade contemporânea e a exclusão dos jovens periféricos.

Tais categorias foram criadas a partir dos elementos chave encontrados na leitura do roteiro como um todo e das narrativas do personagem. Nós as pontuamos neste capítulo como tópicos.

A primeira categoria teve o intuito de mostrar, através da exposição de alguns personagens que compõe a estória de Buscapé, dentro da favela, do lugar de pertença do mesmo, existe vários grupos ou tribos, se distinguem pela compatibilidade de sentimentos, gostos, que possuem entre si. Destacamos todas, apontando quais seriam e, através das próprias narrativas de Buscapé, analisamos se ele era compatível a elas ou não. Concluimos que ele não pode ser considerado como parte do grupo de pertença formado à sua volta, pois ele não se encaixa em algumas. Mas, ele se identifica totalmente com o seu lugar de pertença, ou seja, a favela.

A segunda categoria visou analisar as narrativas de Buscapé, bem como suas vivências, condutas e comportamento com o mundo que o cerca. Mostramos que através da volta ao passado, Buscapé repensa as suas vivências, adversidades e momentos, fazendo uma avaliação dos sentimentos que sentiu bem como das experiências adquiridas com o tempo. E, através das narrativas, ele faz do seu lugar de pertença, do seu grupo e de si próprio, que ele começa a dar significações aos acontecimentos, mostrando cada um deles o quais foram necessários para ele construir sua identidade, bem como a sua própria história.

E a terceira, foi criada para mostrar que Buscapé também coloca a sociedade como um dos fatores negativos, não colabora com um futuro melhor para esses jovens. Pelo contrário, as mazelas e a marginalidade são vistas por ela como o lugar de pertença dos jovens negros, baderneiros e violentos da favela, ou seja, são considerados não cidadãos.

Assim, por não seguir os padrões do consumismo pela desigualdade social que sofrem, são esquecidos e deixados à mercê da pobreza, do tráfico, dos bandidos, como se toda população ali dentro tivesse condenada apenas para violência. Como mudar e influenciar a construção humana de um jovem periférico se as perspectivas de vida que eles têm são apenas as impostas por esta sociedade? Até quando as identidades destes jovens ficarão a cargo das poucas opções de vida que têm para seguirem?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já apresentado no início desta pesquisa, a escolha deste tema se deu pelo meu gosto de estudar sobre juventude e também pelo desafio de conhecer o campo da (auto) biografia. O objetivo geral foi compreender a experiência de biografização do personagem Buscapé através da narrativa do roteiro do filme Cidade de Deus.

A fim de encontrarmos respostas para a proposta norteadora, dividimos a pesquisa em três capítulos. No primeiro, nos atentamos em mostrar que a formação humana é muito importante para a nossa vida, ela faz parte da educação informal recebidas desde o nascimento, aquela destinada a nos ensinar a construir valores para a vida como, o agir, o pensar. Possui forte influência do nosso grupo familiar, que é a nossa base na infância, e também do lugar de pertença, no qual estamos inseridos. Assim, ao longo do capítulo também fazemos uma relação desta temática da construção humana com a arte e o cinema.

A arte tem sido escolhida pelos indivíduos como uma ferramenta de construção cultural, por despertar no homem sensibilidades diferentes das quais recebem no seu dia a dia. Ao sair da rotina do trabalho, de casa, do estresse diário, buscam opções de descanso, vendo um bom filme, assistindo uma peça de teatro, ouvindo uma música. Frequentemente, procurando algo que represente algum momento de suas vidas e que os leve a refletir.

O cinema tem sido um dos meios artísticos mais procurados justamente por ser considerado uma ferramenta transformadora, pois, cada vez mais, trazem representações que se aproximam da realidade das pessoas. Tem sido visto como um transmissor de conhecimento, uma ferramenta de ensino, pois aguça a nossa imaginação, desperta sensações, nos faz pensar, etc. Ele é rico em signos, nos proporciona refletir que tudo e qualquer objeto possui um significado e para enxerga-los basta olharmos com atenção e dedicação. O que explica também a nossa escolha pela análise do roteiro do filme e não as imagens.

O roteiro nos proporcionou a liberdade de ler a história narrada pelo personagem e assim fazemos nossas próprias imaginações do contexto o que nos despertou uma sensibilidade maior e nos aproximou de certa forma com sua história, como se fizessemos parte dela.

No segundo capítulo, discutimos sobre Juventudes/Juventude negras, já que estamos lidando com a história de um personagem jovem, considerado periférico e negro.

Logo após apresentamos a biografia de Buscapé, descrevendo ações que ele executa no roteiro, de acordo com suas narrativas. Quem é Buscapé? Em que lugar ele vive? Quem são seus familiares? um pouco sobre suas vivências, comportamentos, sentimentos e seus sonhos.

A partir dos fatos apresentados nestes dois tópicos do capítulo, finalizamos debatendo sobre a crise de identidade, como ela afeta principalmente os jovens. Isso ocorre por conta da sociedade contemporânea, cada vez mais cobra destes sujeitos, uma construção de identidade compatível com suas exigências, ou seja, ser o trabalhador, o estudante, o consumidor, etc. E aqueles que não conseguem atingir este padrão são excluídos, como exemplo os jovens periféricos, Buscapé e seu grupo de pertença. Que por viverem dentro de uma favela em meio à violência, pobreza, são deixados de lado e considerados como os famosos jovens baderneiros, bandidos que não possuem perspectiva de vida. Ali, para sociedade não há distinção, todos eles representam um perigo para a sociedade.

O terceiro capítulo apresentamos as análises feitas a partir das teorias de Bardin sobre categorização, codificação e enumeração. Sendo assim, ao analisarmos nossa fonte principal, o roteiro, mediante as narrativas do personagem Buscapé e todo o debate que já tínhamos abordado nesta pesquisa, percebemos alguns elementos presentes, que nos levaram a compreender, através da escolha de algumas categorias, suas experiências como sendo um jovem periférico, portador de sonhos, excluído da sociedade. E então intitulamos as categorias em 3 (três) tópicos:

1. Identificação de Buscapé com o grupo de pertença;
2. As narrativas de Buscapé: seu comportamento, atitudes e vivências com o mundo que o cerca...
3. Sociedade contemporânea e a exclusão dos jovens periféricos.

Estes tópicos tiveram o intuito de mostrar que mesmo se tratando de um personagem, Buscapé, ao narrar sua história, deixa a seguinte lição: nem sempre é fácil fazer escolhas, até porque tem momentos os quais parecem que elas nem existem, mas mesmo com toda exclusão sofrida por ser um jovem favelado, negro e pobre, quando ele narra sua trajetória, do passado para o presente e a busca pelo futuro, vemos que ele está fazendo um processo de biografização de si próprio. Então observamos e imaginamos as cenas os momentos por ele enfrentados e constatamos que foi mediante as experiências

com as situações vividas, ele se fortaleceu, construindo-se humanamente, solidificando sua identidade e descobrindo seu verdadeiro eu.

Durante a escrita desta dissertação, principalmente durante as leituras e análises das narrativas do personagem Buscapé, percebi que existe também semelhanças entre a minha história de vida e a do personagem. Até porque quantos jovens já não passaram por dificuldades, tiveram seus sonhos frustrados, pensaram em desistir de tudo e aceitar apenas o que se tinha a sua volta, mas quantos também, apesar dos altos e baixos, levantaram a cabeça e continuaram acreditando em si e no dia que tudo dará certo? É disso que estou falando, a caminhada nem sempre é fácil, são muitos os obstáculos a serem enfrentados.

Assim como Buscapé, ao fazer este mesmo processo no início da dissertação, de retrocesso ao meu passado, recordar tudo que já vivi e enfrentei para hoje estar aqui, diante de vocês, apresentando esta pesquisa, me fez perceber que hoje sou realmente a pessoa a qual batalhei para ser, mediada pelo mundo em que vivo e tentando construir meu próprio caminho.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, 5(6), 25-36. Retirado de: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a04.pdf>. 1997.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo* Lisboa: Edições 70, 1977.

BERNARDET, Jean-Claude. **Historiografia Clássica de Cinema Brasileiro**. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2008.

BOLÍVAR, Antonio. **Dimensiones epistemológicas y metodológicas de la investigación (auto)biográfica**. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena M.B (Orgs.). Pesquisa (Auto) Biográfica Temas Transversais: Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica tomo II. Natal: EDUFRN, 2012.

CARRIJO, Valéria Landa Alfaiate et al. **Torna-te! O processo de Subjetivação das Juventudes Negras a partir de suas Trajetórias Escolares**. 2020.

COMPARATO, Doc. **A criação do roteiro: teoria e prática**. São Paulo: Sammus, 2009 – (Biblioteca fundamental de cinema: 4 / direção : Francisco Ramalho Jr).

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, n. 1-2, 1997.

DAL PRÁ, Lucas Maciel, NUNES Vitória wottrich, SANTOLIN, Elisandra Reinhold. **I Simpósio de Juventudes Contemporâneas: A construção das identidades juvenis, participação e potencial de transformação: Um olhar da sociologia da juventude**.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação. Figuras do indivíduo-projeto**. Trad. Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 333-346, 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 51 set.-dez. 2012.

DOUTOR, Catarina. Um olhar sociológico sobre os conceitos de juventude e de práticas culturais: perspectivas e reflexões. Última década, núm. 45, dezembro-, 2016, p. 159-174. Centro de Estudios Sociales, Valparaíso, Chile.

- DUARTE, Rosália. Educação e cinema. **Belo Horizonte: Autêntica**, 2002.
- DUBAR, Claude. A crise das identidades. **A interpretação de uma mutação. Porto: Afrontamento**, 2006.
- DURKHEIM, Émile; CUNHA, Cilaine Alves; MUSSE, Ricardo. **Fato social e divisão do trabalho: apresentação e comentários Ricardo Musse**. Ática, 2007.
- DURKHEIM, Émile. Educação e sociologia. Tradução Stefania Matousek. Petrópolis: Vozes, 1983.
- ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**, p. 21-56, 2007.
- FERRO, Marc. Uma contra análise da sociedade. **História: Novos Objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves**, 1975.
- FIELD, Syd. **Manual de roteiro**. Editora Objetiva, 2001.
- FIELD, Syd. **Os fundamentos do roteirismo**. Editora Arte & Letra, 2009.
- FISCHER, Ernest. A necessidade da arte. Tradução: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar, 1983).
- SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, v. 16, n. 1, 2015.
- GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. Ed. **Rio de Janeiro: DP&A**, 2006.
- KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992, p237-250..
- KRIPKA, Rosana; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa Lara. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. **CIAIQ2015**, v. 2, 2015.
- MAIA, Aline Silva Correa. Cidade de Deus em foco-Análise de representações de jovens da periferia. In: **E-Compós**. 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARIE, Michel; AUMONT, Jacques. A análise do filme. **Lisboa: Texto e Grafia**, 2004.

MANTOVANI, Bráulio; NO ROMANCE DE PAULO LINS, Baseado. **Cidade de Deus**. Film Four, 2008.

MELLEIRO, Marta Maria; GUALDA, Dulce Maria Rosa. O método biográfico interpretativo na compreensão de experiências e expressões de gestantes usuárias de um serviço de saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 37, n. 4, p. 69-76, 2003.

MORETTIN, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. **História: questões & debates**, v. 38, n. 1, 2003.

NICOLAU, Marcos et al. Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Peirce. **Revista eletrônica temática**, v. 6, n. 08, 2010.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educação & Sociedade**, v. 22, n. 76, p. 232-257, 2001.

SANTAMARINA, C. e MARINAS, I. M. **Historias de vida y historia oral**. Iu DELGADO, I. M. e GUTIÉRRES, I. Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales. Madrid: Síntesis, 1994.

SANTAELA, L. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Thomson, 2005.

SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 7, n. 1, p. 286-293, 1984.

SOUZA, E.C. de. **A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr., 2006.